

CLÁUDIO FILIPE SIMÕES COSTA

**ANÁLISE DAS ACÇÕES OFENSIVAS COM FINALIZAÇÃO RESULTANTES
DE JOGO DINÂMICO**

Estudo realizado no Campeonato Europeu de Futebol de 2008



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

SETEMBRO, 2010

CLÁUDIO FILIPE SIMÕES COSTA

**ANÁLISE DAS ACÇÕES OFENSIVAS COM FINALIZAÇÃO RESULTANTES
DE JOGO DINÂMICO**

Estudo realizado no Campeonato Europeu de Futebol de 2008

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

SETEMBRO, 2010

CLÁUDIO FILIPE SIMÕES COSTA

**ANÁLISE DAS ACÇÕES OFENSIVAS COM FINALIZAÇÃO RESULTANTES
DE JOGO DINÂMICO**

Estudo realizado no Campeonato Europeu de Futebol de 2008

**Dissertação de Mestrado em Treino
Desportivo para Crianças e Jovens –
Especialidade de Ciências do
Desporto**, na Faculdade de Ciências do
Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra.

Orientada pelo Professor Doutor
António José Barata Figueiredo e Co-
orientada pelo Mestre Vasco Vaz

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

SETEMBRO, 2010

AGRADECIMENTOS

Ao **Professor Doutor António Figueiredo**, como orientador desta dissertação, garantindo sempre o apoio necessário à realização deste trabalho. Ser orientado por alguém que é um exemplo de competência nesta faculdade foi para mim uma enorme satisfação e orgulho, mas também aumentou o grau de exigência e responsabilidade que um trabalho destes exige. Obrigado professor!

Ao **Mestre Vasco Vaz**, como co-orientador deste estudo, pela sua disponibilidade e pelas ideias sugeridas que foram sem dúvida mais-valias para a realização desta dissertação. Sem dúvida, um professor com “P” grande. Obrigado professor!

Aos **Professores** da FCDEF-UC, pela competência demonstrada nestes anos, dedicando-se a uma causa que é a formação de excelentes alunos e a abertura de novos horizontes. Destacaria além dos professores mencionados acima, o **Professor Doutor Manuel João Coelho e Silva**, pela sua competência multi-disciplinar, capaz de fazer pensar qualquer mente; o **Professor Doutor Luís Rama**, pela sua excelência na apresentação das aulas, reforçando ainda mais o meu gosto e a minha opção pela área do treino desportivo e condicionamento físico; o **Professor Doutor Amândio Santos**, pelo que sabe e pelo que ensina na área da fisiologia do exercício, sendo sem dúvida um excelente professor na transmissão desses conhecimentos.

Aos **Meus Pais**, pelos valores transmitidos ao longo de todos estes anos, destacando a humildade, responsabilidade e a vontade de melhorar todos os dias... pelo apoio que me deram, sendo sempre um suporte (que nunca abanou!) ao meu crescimento académico. Obrigado!

À **Carla**, pela sua personalidade, pela forma como mudou a minha maneira de estar na vida, pelo exemplo de vida que é para mim. Obrigado pela motivação dada quando esta faltava.

À **Minha família**, pela humildade, pela união familiar que me transmitiram e pelo carinho que sempre nutriram por mim.

Aos meus “*manos*” **Tiago e Gonçalo**, ao qual também dedico de forma mais particular esta dissertação.

Ao **Marco** e ao **Nuno**, que constituíam comigo o trio maravilha da faculdade! Bons amigos e bons colegas.

Aos **meus colegas de mestrado**. A partilha das nossas ideias são sem dúvida uma mais-valia na nossa aprendizagem e com eles aprendi muito.

Aos “**baixinhos**”, pelo prazer que me deu ensinar ao longo de toda a época. Hoje sou sem dúvida mais competente do que era no passado e isso também foi graças a eles. Obrigado pelo concretizar de um sonho que era ser treinador de uma equipa de futebol.

RESUMO

A análise de jogo tornou-se actualmente uma ferramenta valiosa para treinadores e investigadores de futebol, já que procura descodificar o fenómeno hipercomplexo que toda a lógica interna desta modalidade encerra.

Sabendo nós que o objectivo primordial do jogo de futebol é a finalização do processo ofensivo, e tendo por base as equipas intervenientes no Campeonato da Europa de Futebol de 2008 realizado na Suíça e Áustria, identificámos quatro equipas de sucesso (equipas que atingiram as meias-finais) e oito equipas de insucesso (equipas que não ultrapassaram a fase de grupos) e apresentámos como objectivos deste estudo: 1) Identificar características do momento de transição defesa – ataque, da fase de construção e da fase de finalização do processo ofensivo que com maior probabilidade conduzem à finalização das acções ofensivas resultantes de jogo dinâmico; 2) Identificar diferenças nos perfis de equipas de sucesso e equipas de insucesso (equipas que atingiram as meias-finais e equipas que não ultrapassaram a fase de grupos da competição, respectivamente) nos diferentes momentos do jogo e, 3) Identificar métodos de jogo ofensivo preferenciais nas acções ofensivas com finalização resultantes de jogo dinâmico.

Em 45 observações efectuadas foram recolhidas 297 acções ofensivas com finalização resultantes de jogo dinâmico. A partir da Metodologia Observacional, elaborámos um instrumento *ad hoc* constituído por um formato de campo (Garganta, 1997) e por um sistema de categorias que responde em simultâneo a um marco teórico e à realidade do estudo (Garganta, 1997; Vales, 1998). Posteriormente, elaborámos a folha de recolha de dados para registo das variáveis analisadas. As partidas foram gravadas em vídeo e observadas detalhadamente em computador num tempo posterior. O tratamento e a análise dos dados foram efectuados pelo programa *SPSS* onde foram submetidos a análise descritiva.

A análise dos resultados permitiu verificar que: 1) no momento de transição defesa-ataque percebe-se uma maior tendência para a recuperação da posse de bola nos sectores intermédios do campo; 2) existe preferência por formas de recuperação dinâmicas com especial relevo na recuperação por interceptação; 3) há uma maior opção por uma acção técnica de passe, de curta/média distância para a frente ou para o lado na primeira acção após a recuperação; 4) na fase de construção, há uma tendência para circulação de bola com amplitude média ou máxima e profundidade positiva com especial preocupação em terminar no sector ofensivo; 5) a variação de corredor é um indicador fundamental no sucesso das acções, com particular destaque no número de variações > 2; 6) acções ofensivas com 3-4 jogadores envolvidos e número de passes superior a 4 são as mais frequentes, embora se verifique alguma variabilidade; 7) a última acção antes da finalização caracteriza-se por acções técnicas de risco em que o cruzamento, passe curto/médio para o lado e para a frente e 1x1 são as mais frequentes; 8) as acções ofensivas terminam frequentemente dentro da grande área, embora as acções fora da área apresentem percentagens relevantes; 9) existem determinados princípios de acção dos jogadores e das equipas no centro de jogo que aumentam a probabilidade de finalização das acções ofensivas, nos quais destacamos a procura da inferioridade numérica relativa da equipa adversária no último contacto do adversário, a superioridade relativa na zona de recuperação e a igualdade não pressionada na zona de finalização; 10) o

método de jogo ofensivo mais frequente é o ataque rápido e por último, 11) os perfis de equipas de sucesso e insucesso revelaram-se muito idênticos, embora apresentassem algumas diferenças circunstanciais.

Concluindo, este estudo revela-nos a importância de perceber que características assumem os momentos e fases anteriores à finalização de forma a potenciar a finalização do processo ofensivo.

Palavras-Chave: FUTEBOL; ANÁLISE DE JOGO; ACÇÕES OFENSIVAS COM FINALIZAÇÃO; TRANSIÇÃO DEFESA-ATAQUE; FASE DE CONSTRUÇÃO; FASE DE FINALIZAÇÃO; NÍVEL DE SUCESSO DAS EQUIPAS.

ABSTRACT

Match analysis has become today a valuable tool for coaches and football investigators, as it aims to decode the hypercomplex phenomenon that the internal logic of this modality enclosures.

As we know that the main objective of the football match is the offensive process finalization, using as our target population the teams that competed in the European Championship of Football of 2008 that occurred in Switzerland and Austria, we identified four successful teams (teams that reached the semi-final phase of the competition) and eight unsuccessful teams (teams that did not overcome the groups phase of the competition) and we presented as this study's objectives: 1) To identify characteristics of the moment of defense-attack transition, construction and finalization phases of the offensive process, that with a greater probability lead to the finalization of the dynamic offensive actions; 2) To identify differences in the profiles of successful and unsuccessful teams on the different moments of the match; and 3) To identify preferential offensive match methods on the offensive actions with finalization derived from dynamic game.

In the 45 observations that we made, there were collected 297 offensive actions with finalization derived from dynamic game. Starting on the Observational Methodology, we elaborated an *ad hoc* instrument composed by a field format (Garganta, 1997) and by a categories system that responds simultaneously to a theoretical endpoint and to the reality of the game (Garganta, 1997; Vales, 1998). Lately, we created a collecting data sheet to register the analyzed variables. The matches were recorded in video and watched carefully in a portable computer at an ulterior moment. Treatment and data analysis were made with *SPSS*, which allowed descriptive analysis through percentage tables.

Data analysis allowed the following observations: 1) in the defence-attack transition moment it is evident a greater tendency to ball possession recovery on intermediate sectors of the field; 2) the preference by dynamic recovery actions, especially recovery by interception; 3) a greater option by a technical action of pass of short/middle distance, to the front or to a side as first action after ball possession recovery; 4) in the construction phase there is a greater tendency to middle or maxim amplitude and positive dept in ball circulation, with a special concern on ending in the offensive sector; 5) side variation (left wing, middle field and right wing) is a fundamental predictor on the actions success, particularly with a number of actions bigger than two; 6) offensive actions with 3 or 4 players involved and more than 4 passes are the most common, although there is a certain variability; 7) the last action before finalization is characterized by risk technical actions in which cross, short/middle distance pass to the side and to the front and 1x1 are the most frequent; 8) the offensive actions frequently end inside the penalty area, although actions outside this area present relevant percentages; 9) there are certain principles of actions of players and teams that increase the probability of finishing the offensive actions, in which we put in relief the search for the relative numerical inferiority of the opponent team at the adversary's last contact, the relative superiority at the recovery zone and the non pressed equality on the finalization zone; 10) the most frequent offensive play method is the fast attack and last; 11) successful and unsuccessful teams profiles showed to be similar, although presented some circumstantial differences.

Concluding, this study shows us the importance of understanding which characteristics are assumed by the moments and phases previous to the finalization phase in order to improve offensive process finalization.

Key words: FOOTBALL; MATCH ANALYSIS; OFFENSIVE ACTIONS WITH FINALIZATION; DEFENCE-ATTACK TRANSITION; CONSTRUCTION FASE; FINALIZATION FASE; TEAMS' SUCCESS LEVEL.

ÍNDICE GERAL

▪ Agradecimentos	i
▪ Resumo / <i>Abstract</i>	iii
▪ Índice Geral	vii
▪ Índice de Figuras	x
▪ Índice de Tabelas	xi
▪ Abreviaturas	xiii
▪ Lista de Anexos	xv
▪ Introdução	1
1.1. Preâmbulo	1
1.2. Pertinência do Estudo	2
1.3. Problema	3
1.4. Objecto e Objectivos	4
▪ Revisão Literatura	5
2.1. Complexidade da lógica interna de uma modalidade desportiva – o caso do futebol	5
2.2. Dinâmica do jogo de Futebol – 2 Perspectivas diferenciadas	7
2.2.1. Perspectiva Dicotómica ou Dualista	7
2.2.2. Perspectiva do Modelo Unitário	9
2.3. Análise de Jogo – Um dos pressupostos fundamentais para o sucesso do treinador	11
2.4. A solução para uma análise de jogo nos JDC, particularmente o futebol	14
2.4.1. Dizer “Não” ao Empirismo e Sistematizar	14
2.4.2. Análise Qualitativamente Quantificável	16
2.5. Análise de jogo no Futebol	17
2.5.1. Recuperação da posse de bola	17
2.5.2. Fase de construção do processo ofensivo	20
2.5.3. Fase de finalização do processo ofensivo	23
2.5.4. O método de jogo ofensivo	24
2.5.5. O centro do jogo	27

▪ Metodologia	29
3.1. Amostra	29
3.1.1. Caracterização da Amostra	29
3.1.2. Critérios de Definição da Amostra	29
3.2. Definição do Sistema de Categorias	31
3.2.1. Formato de Campo	32
3.2.2. Variáveis	33
3.3. Observação e Registo de Dados	46
3.3.1. Características do Processo de Observação	46
3.3.2. Procedimentos de Observação	47
3.3.3. Procedimentos de Registo	48
3.4. Análise da Qualidade dos Dados	48
3.4.1. Fiabilidade Intra-Observador	48
3.5. Procedimentos Estatísticos	49
▪ Apresentação dos Resultados	51
4.1. Análise Global	51
4.1.1. Transição Defesa-Ataque – Análise das variáveis	51
4.1.2. Fase de construção do processo ofensivo – Análise das variáveis	55
4.1.3. Fase de finalização do processo ofensivo – Análise das variáveis	58
4.1.4. Análise de outras variáveis	59
4.2. Análise por nível de sucesso das equipas	60
4.2.1. Transição Defesa-Ataque – Análise das variáveis	60
4.2.2. Fase de construção do processo ofensivo – Análise das variáveis	64
4.2.3. Fase de finalização do processo ofensivo – Análise das variáveis	68
4.2.4. Análise de outras variáveis	69
▪ Discussão dos Resultados	71
5.1. Características do momento de transição defesa-ataque nas AOCF	71
5.2. Características da fase de construção do processo ofensivo nas AOCF	75
5.3. Características da fase de finalização do processo ofensivo nas AOCF	79
5.4. Características de outras variáveis do processo ofensivo nas AOCF	80
5.5. Caracterização dos perfis das equipas de sucesso e insucesso e suas principais diferenças	81

▪ Conclusões	85
6.1. Limitações do presente estudo	85
6.2. Conclusões propriamente ditas	85
6.3. Sugestões para futuras pesquisas	89
▪ Bibliografia	91
▪ Anexos	

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 2.1.** - Comportamento estratégico dos jogadores (Bayer, 1994)
- Figura 2.2.** - Diagrama da segmentação do fluxo conductural do jogo de Futebol (Castellano Paulis, 2000)
- Figura 2.3.** - Modelo Unitário da organização do jogo de Futebol (Cervera e Malavés, 2001)
- Figura 2.4.** - Convergência dos Desenhos Observacionais (Anguera, 2003)
- Figura 3.1.** - Formato de Campo definido por Garganta (1997)
- Figura 3.2.** - Formato de Campo da variável ZFIN (adaptado Silva, E., 2007)
- Figura 4.1.** - Distribuição da recuperação da posse de bola por zonas, sectores e corredores
- Figura 4.2.** - Distribuição da recuperação da posse de bola por zonas, sectores e corredores no campograma das Equipas de Sucesso (ES) e Equipas de Insucesso (EI)

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1. - Principais problemas da análise de jogo nos JDC

Tabela 2.2. - Vantagens da implementação da análise de jogo

Tabela 2.3. - Critérios que determinam uma análise sistemática do jogo (Damas & Ketele, 1985; Winkler, 1988)

Tabela 3.1. - Tabela de Denominação, Codificação e Descrição de Zonas, Corredores e Sectores

Tabela 3.2. - Tabela de denominação, codificação e descrição das categorias da variável PA

Tabela 3.3. - Tabela de denominação, codificação e notação das categorias da variável PrO

Tabela 3.4. - Tabela de denominação, codificação e descrição das categorias e subcategorias da variável CJ

Tabela 3.5. - Tabela de denominação, codificação e descrição dos diferentes MJO (Garganta, 1997)

Tabela 3.6. - Índices de fiabilidade das variáveis analisadas

Tabela 4.1. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZREC

Tabela 4.2. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável TREC

Tabela 4.3. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PA

Tabela 4.4. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-UCadv

Tabela 4.5. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZREC

Tabela 4.6. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PrO

Tabela 4.7. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável AO

Tabela 4.8. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável NVC

Tabela 4.9. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PO

Tabela 4.10. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável EO

Tabela 4.11. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável UA

Tabela 4.12. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZFIN

- Tabela 4.13.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZFIN
- Tabela 4.14.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável MJO
- Tabela 4.15.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZREC por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.16.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável TREC por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.17.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PA por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.18.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-UCadv por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.19.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZREC por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.20.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PrO por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.21.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável AO por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.22.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável NVC por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.23.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PO por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.24.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável EO por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.25.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável UA por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.26.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZFIN por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.27.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZFIN por nível de sucesso das equipas
- Tabela 4.28.** - Estatística Descritiva (FA e %) da variável MJO por nível de sucesso das equipas

ABREVIATURAS

1x1	Drible
AO	Amplitude Ofensiva
AOCF	Acções Ofensivas com Finalização resultantes de jogo dinâmico
AP	Ataque Posicional
AR	Ataque Rápido
CA	Contra-Ataque
CC	Corredor Central
CJ	Centro de Jogo
CJ-ZFIN	Centro de Jogo na Zona de Finalização
CJ-ZREC	Centro de Jogo na Zona de Recuperação
CJ-UCadv	Centro de Jogo no último contacto do adversário
CLD	Corredor Lateral Direito
CLE	Corredor Lateral Esquerdo
CoCMF	Condução Curta/média frente
CoCML	Condução Curta/Média lado
CoCMO	Condução Curta/Média oblíqua
CoCMT	Condução Curta/Média trás
CoLF	Condução Longa Frente
CoLL	Condução Longa Lado
CoLO	Condução Longa Oblíqua
CoLT	Condução Longa Trás
Cruz	Cruzamento
D	Desarme
DGA	Dentro da Grande Área
DPA	Dentro da Pequena Área

Eadv	Erro do adversário
EO	Elaboração Ofensiva
EObs	Equipa Observada
EI	Equipas de Insucesso
ES	Equipas de Sucesso
FGA	Fora da Grande Área
Gadv	Golo adversário
I	Intercepção
Iadv	Intervenção do adversário sem êxito
IFa	Inferioridade Absoluta
IFr	Inferioridade Relativa
IGNPr	Igualdade não Pressionada
IGPr	Igualdade Pressionada
Igr-adv	Intervenção do guarda-redes adversário
IRfav	Interrupção Regulamentar a favor
JDC	Jogos Desportivos Colectivos
MJO	Métodos de Jogo Ofensivo
NVC	Número de Variações de Corredor
O	Outro
PA	Primeira Acção após a Recuperação da Posse de Bola
PaCMF	Passe Curto/Médio para a Frente
PaCML	Passe Curto/Médio para o lado
PaCMO	Passe Curto/Médio Obliquo
PaCMT	Passe Curto/Médio para Trás
PaLF	Passe Longo para a Frente
PaLL	Passe Longo para o Lado

PaLO	Passe Longo Obliquo
PaLT	Passe Longo para Trás
PO	Participação Ofensiva
PrO	Profundidade Ofensiva
Rcomp	Remate companheiro
RECgr	Recuperação pelo guarda-redes
Rfinaliz	Remate pelo próprio finalizador
Rrec	Remate pelo próprio recuperador
SCJ	Sem Centro de Jogo
SD	Sector Defensivo
SMD	Sector Médio Defensivo
SMO	Sector Médio Ofensivo
SO	Sector Ofensivo
SPA	Sem Primeira Acção
SPa	Superioridade Absoluta
SPr	Superioridade Relativa
SPSS	<i>Statistical Program for Social Sciences</i>
TREC	Tipo de Recuperação da Posse de Bola
UA	Última Acção antes da Finalização da Acção Ofensiva
ZFIN	Zona de Finalização
ZREC	Zona de Recuperação da Posse de Bola

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Amostra dos jogos observados e discriminação dos mesmos por Nível de Sucesso das Equipas

ANEXO B – Folha de recolha de dados

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Preâmbulo

“A mudança que se distingue actualmente no desenvolvimento desportivo no mundo é, sem dúvida a aplicação da ciência aos problemas do desporto e, em especial, a utilização de uma tecnologia cada vez mais aperfeiçoada e apoiada em dados científicos” (Crespo, 1981). Se esta citação era aplicada em 1981, actualmente com a procura incessante pela *winning formula*, devido às exigências da nossa sociedade e das exigências competitivas cada vez mais elevadas do desporto, a interacção entre a ciência e o fenómeno desportivo é mais intensa e obcecante.

Actualmente, no início do 3.º milénio, um século e meio depois da classe universitária britânica o ter separado do Rugby, o Futebol ganhou uma importância inesperada mesmo para os mais optimistas. Um conjunto de regras simples conjugado com a sua natureza expansiva, levou-o a converter-se no entretenimento preferido e mais popular nos cinco continentes do mundo (Paulis, 2000, Grinvald, 1999).

“O futebol é um jogo desportivo colectivo, no qual os intervenientes (jogadores) estão agrupados em duas equipas numa relação de adversidade – rivalidade desportiva, numa luta incessante pela conquista da posse da bola (respeitando as leis do jogo), com o objectivo de a introduzir o maior número de vezes possível na baliza adversária e evitá-los na sua própria baliza, com vista à obtenção da vitória” (Castelo, 1994). É por isso uma modalidade desenvolvida com um altíssimo nível de incerteza e imprevisibilidade, o que faz reflectir uma lógica interna caótica fazendo-nos sentir confundidos com o número e com a enorme variabilidade de elementos, relações, interacções ou combinações sobre os quais assenta o funcionamento do jogo (Rosnay, 1977).

Para descodificar todo este processo hipercomplexo que é o jogo de futebol, a análise de jogo tem sido uma ferramenta valiosa para muitos treinadores e investigadores. Queirós (1986) sustentava que a investigação futura ao nível do futebol se deveria centrar na quantificação e qualificação das acções de jogo através das

observações sistemáticas dos comportamentos dos jogadores e das equipas em jogo. No futebol, a competição tem sido a fonte de informação mais privilegiada para a utilização do método observacional (Dufour, 1993; Gerisch & Reichelt, 1993). Portanto, treinadores e investigadores tem procurado esclarecimento acerca da *performance* diferencial dos jogadores e das equipas, na tentativa de determinar factores condicionantes do rendimento desportivo e acima de tudo perceber a forma como eles se inter-relacionam para induzirem eficácia (Garganta, 2001). A análise de jogo é um ramo fundamental, essencialmente para tentarmos perceber que padrões, que acções comportamentais se associam à eficácia das equipas e assim ser uma fonte rica de informação para investigadores e treinadores, para assim aumentarmos o conhecimento sobre o conteúdo do jogo.

1.2. Pertinência do Estudo

Alguns autores (Garganta, 2001; Ortega, 1999) têm destacado a importância da análise de jogo para o processo de treino – a valoração, recolha, registo, armazenamento e o tratamento dos dados através da observação das acções de jogo e dos comportamentos dos jogadores ou das equipas, por isso, é actualmente uma ferramenta imprescindível para o controlo, avaliação e reorganização do processo de treino e de competição e cada vez mais determinante na optimização do rendimento dos jogadores e das equipas. A observação é por isso a principal fonte de informação que possuem os treinadores (Riera, 1995) e o seu grande objectivo é separar meras opiniões empíricas de feitos científicos (Carosio, 2001; Garganta, 2000). Treinadores e investigadores procuram constantemente através da análise de jogo dados que permitam obter sucesso na *performance*, isto é, procuram comportamentos de jogo que induzam eficácia na competição.

Deste modo, é fundamental encontrar indicadores de qualidade de jogo de alto nível que permitam sistematizar os conteúdos, de forma a propormos metodologias adequadas aos processos de ensino do Futebol de alto rendimento e também de formação. É pela vontade de tornar o futebol cada vez mais científico, e sobretudo, percebê-lo melhor, que recorreremos à Metodologia Observacional, uma vez que neste contexto de incerteza e aleatoriedade que é o jogo de Futebol, pretende-se perceber alguma ordem no aparente caos, detectar a regularidade e o aleatório, e procurar a

estabilidade na imensa variabilidade. Ou seja, encontrar um carácter de regularidade e de probabilidade de determinadas variáveis do jogo relativamente a outras, que ultrapasse o mero conceito de sorte ou acaso.

Para além disso a Metodologia Observacional, permite-nos perceber o que difere uma equipa de outra, o que difere o processo ofensivo com finalização do processo ofensivo sem finalização, o que difere o golo da oportunidade de golo, entre outras coisas.

Isto leva-nos às palavras de David Low (2002) ao afirmar que estas análises têm como objectivo fundamental tentar encontrar factores chave da *performance* que levam ao sucesso desportivo.

Neste sentido, pretende-se analisar a Fase Final do Campeonato da Europa de 2008 realizado na Suíça e na Áustria, em que tivemos como base fundamental do nosso estudo as Acções Ofensivas com Finalização resultantes de jogo dinâmico.

1.3. Problema

O futebol envolve uma variedade e complexidade de situações que são parte da lógica interna desta modalidade e que poderão ser alvo de estudo. Importa por isso direccionar as nossas ideias para um determinado tipo de situações excluindo outras.

Para este estudo optou-se por direcciona-lo para a análise de variáveis nas diferentes fases do jogo de forma a perceber o que potencia a finalização do processo ofensivo (acções ofensivas com finalização). Envolvendo o jogo de futebol um contexto variável, imprevisível e aleatório, devemos objectivar ao máximo o problema e os objectivos que delineámos, assim como os meios e os métodos de que nos serviremos para os resolver, pois só assim será possível analisar o problema sem a influência das circunstâncias do jogo.

Assim, as questões que conferem sentido a este estudo são:

- *Que características assume o momento de Transição Defesa – Ataque que, com maior probabilidade, conduzem à finalização da acção ofensiva no Futebol?*

- *Que características assume a fase de construção do Processo Ofensivo que, com maior probabilidade, conduzem à finalização da acção ofensiva no Futebol?*

- *Que características assume a fase de finalização do Processo Ofensivo que, com maior probabilidade, conduzem à finalização da acção ofensiva no Futebol?*

- *Que perfis assumem as Equipas de Sucesso e Equipas Insucesso na finalização das suas acções ofensivas, analisando o seu momento de Transição Defesa – Ataque, a fase de construção e a fase de finalização do Processo Ofensivo?*

- *Que características do momento de Transição Defesa – Ataque, da fase de construção e da fase de finalização do Processo Ofensivo diferenciam as Equipas de Sucesso e as Equipas de Insucesso?*

1.4. Objecto e Objectivos

O objecto de estudo deste trabalho foi a análise das Acções Ofensivas Com Finalização resultantes de jogo dinâmico das Equipas que obtiveram sucesso e insucesso, durante a Fase Final do Euro 2008 de Futebol realizado na Suíça e na Áustria.

Este estudo apresentou os seguintes objectivos:

- 1) Identificar características do momento de Transição Defesa - Ataque que, com maior probabilidade conduzam à finalização da acção ofensiva;
- 2) Identificar características da fase de construção do Processo Ofensivo que, com maior probabilidade conduzam à finalização da acção ofensiva;
- 3) Identificar características da fase de finalização do Processo Ofensivo que, com maior probabilidade conduzam à finalização da acção ofensiva;
- 4) Identificar características do momento de Transição Defesa – Ataque, da fase de construção e de finalização do Processo Ofensivo que traduzem perfis das Equipas de Sucesso e das Equipas de Insucesso na finalização da acção ofensiva;
- 5) Identificar diferenças no momento de Transição Defesa – Ataque, na fase de construção e de finalização do Processo Ofensivo entre Equipas de Sucesso e de Insucesso na finalização da acção ofensiva.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Complexidade da lógica interna de uma modalidade desportiva – o caso do futebol

Segundo alguns estudos, como Hughes & Bartlett (2002) o futebol é demasiado complexo para ser descrito através de simples representação de dados. A complexidade elevada desta modalidade deve-se sobretudo à natureza caótica que apresenta, isto é, uma lógica interna sustentada por múltiplas interações entre jogadores, objectos e regulamentos que causam por isso padrões de jogo imprevisíveis e completamente incertos.

O futebol é um desporto de cooperação/oposição com espaços comuns e acção simultânea (invasão), de carácter aberto, que se realizam em ambientes onde predomina a incerteza e a imprevisibilidade (Pinto, 2007). Segundo o mesmo autor, os JDC no qual incluímos o futebol, são dos mais difíceis de ensinar devido sobretudo a três factores: Imprevisibilidade (a instabilidade do meio onde a variação das condições do contexto a faz aumentar, através de por exemplo o espaço, o ritmo, a velocidade); Arbitrariedade (o carácter arbitrário da duração da tarefa, ao nível temporal e espacial, dificulta a decomposição e previsão da ocorrência); Especificidade (a definição concreta do fim a atingir é de difícil delimitação, dependendo da organização estrutural e decisional dos cooperadores e da imprevisibilidade dos opositores). O jogo de Futebol caracteriza-se por uma permanente relação de forças, ou seja, pela simultânea relação de cooperação e de oposição que, a cada momento, induz uma dinâmica relacional colectiva que suscita aos jogadores a realização de julgamentos e a tomada de decisões. São estes os verdadeiros actores, que a partir da autonomia que lhes é concedida em cada instante pelo próprio jogo, constroem a diversidade e a singularidade do fluxo acontecimental (Júlio & Araújo, 2005), permitindo que o seu desenvolvimento possa confluir na marcação de golos na baliza adversária e no seu evitamento relativamente à própria baliza (Castelo, 1996). Como vemos pelas citações anteriormente descritas, o futebol é um fenómeno hipercomplexo que se caracteriza por:

- Uma modalidade em que os jogadores devem constantemente adaptar-se e readaptar-se às novas situações que o jogo lhes oferece e por sua vez devem ser capazes de elaborar e produzir novas respostas ante a constante variabilidade de situações e a grande incerteza espacial, o que leva a que todas as situações de jogo sejam diferentes;
- Um desporto de situação, em que o desempenho motor dos jogadores está estreitamente relacionado com a capacidade dos jogadores para responder de forma adequada e eficaz às constantes e diversas modificações que se dão no contexto do jogo.

Logicamente como referem alguns autores (Pollard, Reep & Hartley, 1988; Franks, Goodman & Miller, 1983) a acção contínua e o ambiente dinâmico que caracterizam o Futebol dificultam uma análise objectiva da *performance*.

A tabela 2.1. ilustra os principais problemas da análise de jogo nos JDC, particularmente o Futebol.

Tabela 2.1. - Principais problemas da análise de jogo nos JDC

<p>Garganta (2001; 2000; 1998)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As capacidades dos atletas são condicionadas fundamentalmente pelas sucessivas configurações que o jogo vai experimentando, tornando muito complexa a observação de todos os jogadores em movimento e a percepção da sua interdependência; • Impossibilidade de identificar a totalidade dos condicionalismos a que o jogo está submetido; • Dificuldade na detecção dos constrangimentos fundamentais que induzem alterações importantes no decurso dos acontecimentos; • Não existem situações exactamente idênticas e as possibilidades de combinação são imensas; • Coexistem variáveis diversas ao nível do jogo que interagem permanentemente, o que torna muito complexa a tarefa de entender a quota-parte de participação dessas variáveis no rendimento;
<p>Cantón, Ortega & Contreras (2000)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Elevado numero de jogadores que participam no jogo; • O carácter interactivo das condutas dos jogadores; • O grau de evolução do Futebol e a sua lógica interna; • O grande número de factores que afectam directa ou indirectamente o rendimento;

Cont.

Continuação da Tabela 2.1.

Hughes & Bartlett (2002)	<ul style="list-style-type: none">• Interação de comportamentos humanos torna a observação bastante complexa;
Jonsson, Bjarkadottir, Gislason, Borrie & Magnusson (s/d)	<ul style="list-style-type: none">• Envolvimento de 22 jogadores demonstra um comportamento colaborativo que requer o desempenho de diversas tarefas/missões num ambiente adverso, incerto e dinâmico;
Silva (2006)	<ul style="list-style-type: none">• As condições instáveis e aleatórias em que ocorrem os JDC, embora confirmem originalidade e interesse às situações, tornam mais delicada a tarefa do experimentador e do observador

2.2. Dinâmica do jogo de Futebol – Duas Perspectivas diferenciadas

2.2.1. Perspectiva Dicotómica ou Dualista

Na teoria dos Jogos Desportivos Colectivos (JDC), a maioria dos autores privilegiam essencialmente um modelo de organização dualista (Castelo, 2004). Ora, segundo o mesmo autor, a organização dualista do jogo define em termos gerais, um sistema no qual os membros do jogo são divididos em dois grupos possuindo limites rigorosamente fixos, no interior dos quais mantêm relações complexas de cooperação com o seu grupo e diversas formas de rivalidade (desportiva) com o grupo adversário.

De acordo com Bayer (1994), o jogo consubstancia duas fases fundamentais: o ataque (Processo Ofensivo), que é determinado pela posse de bola; e a defesa (Processo Defensivo), que corresponde a procura da sua posse. O mesmo autor diferencia claramente que ter a posse de bola por parte de uma equipa implica atacar, e não ter a posse de bola implica defender. Desta forma o autor formula os princípios gerais de ataque (Figura 2.1.).

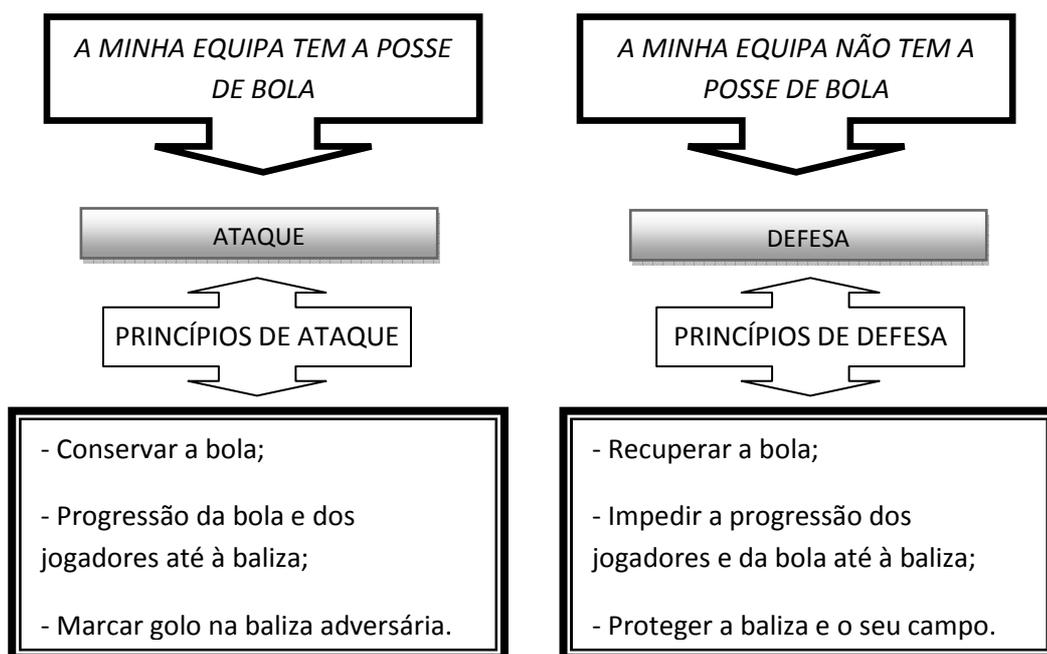


Fig 2.1. - Comportamento estratégico dos jogadores (Bayer, 1994)

Neste sentido da perspectiva dualista de Posse ou Não Posse de bola, Castellano Paulis (2000) evidencia um conceito de segmentação do fluxo conductural da acção de jogo de Futebol, no qual a posse/não posse de bola se revela um factor crítico na dinâmica do jogo. O autor defende um conceito que contempla seis situações: i) início da posse de bola; ii) desenvolvimento da posse de bola; iii) final da posse de bola; iv) início da não posse de bola; v) desenvolvimento da não posse de bola; e vi) final da não posse de bola (Figura 2.2.)

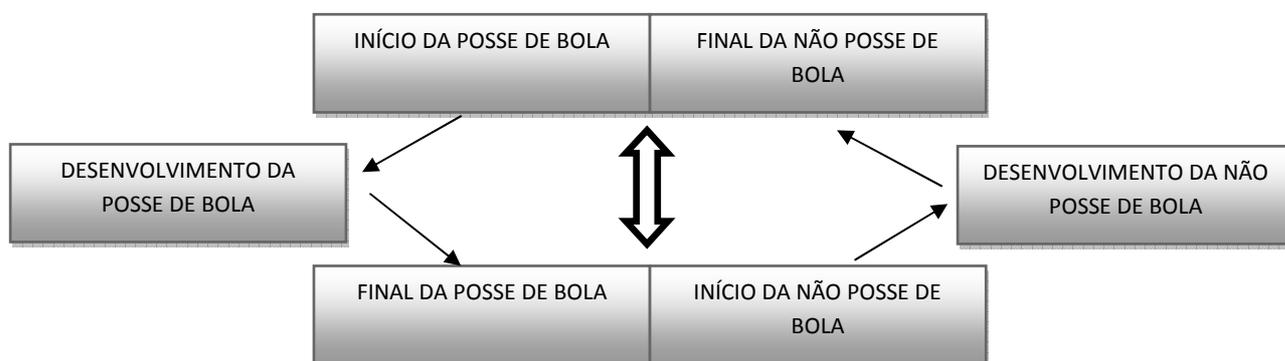


Figura 2.2. - Diagrama da segmentação do fluxo conductural do jogo de Futebol (Castellano Paulis, 2000)

Parece evidente que quatro das seis situações propostas por este autor sobrepõem-se, na medida em que o início da posse de bola coincide com a finalização da não posse de bola para a mesma equipa assim como o final de uma posse de bola coincide com o início da não posse de bola.

Portanto, o jogo visto sob uma perspectiva dualista baseia-se num quadro dicotómico em função da pertença da bola, evidenciando-se duas fases perfeitamente distintas, que compreendem princípios, comportamentos tático-técnicos, conceitos e finalidades, consubstanciados em interesses e objectivos opostos, ou seja, marcar golos e evitar sofrê-los (Barreira, 2006). Esta perspectiva sugere a decomposição do macrosistema Futebol em dois subsistemas grupais (Equipas) com objectivos e princípios de jogo completamente distintos (um subsistema ataca e o outro defende) em que em nenhum momento, os princípios de ataque e de defesa se inter-relacionam dentro do mesmo subsistema.

2.2.2. Perspectiva do Modelo Unitário

Um dos critérios fundamentais da perspectiva do Modelo Unitário sustenta-se nas palavras de Pinheiro (2001), que afirma que apesar do primeiro passo indispensável para o processo ofensivo ser a posse de bola, este começa antes da recuperação da posse de bola.

Rinus Michels e Bert van Lingen (in Kormelink e Seeverens, 1997) sustentam esta ideia, referindo que numa equipa de Futebol os jogadores (defesas, médios ou avançados) são responsáveis por tarefas básicas e por suplementares. Ou seja, um defensor apesar da sua tarefa principal ter como princípios básicos os defensivos, não se pode limitar ao cumprimento único desses princípios, pois por vezes tem papel fundamental na organização ofensiva da equipa (princípios complementares). Assim, uma das grandes dificuldades em construir uma equipa é conseguir encontrar um balanço entre o cumprimento das tarefas básicas, sem inibir a concretização das suplementares (Barreira, 2006).

Da mesma ideia, Amieiro (2005) afirma que defesa e ataque estão intimamente relacionados e que, desta forma, é um erro perspectivar a organização defensiva e ofensiva de uma equipa sem uma “articulação de sentido”. O mesmo autor cita um exemplo que explica o Futebol actual: os onze jogadores têm de saber o que fazer em

posse de bola e os onze jogadores têm de saber o que fazer quando a equipa não tem a posse de bola. No entanto, uma coisa é defender pelo “princípio da quantidade” (defender é visto como um fim em si mesmo), outra coisa é defender com os onze jogadores pelo “princípio da qualidade” (defender é visto como um meio para recuperar a bola e poder atacar). Outro exemplo que vem de acordo com esta perspectiva do modelo unitário, é deixado explícito pelo mesmo autor, quando afirma que, a organização defensiva ou ofensiva deve ser perspectivada em função da forma como se quer, em seguida, atacar ou defender, respectivamente.

Castelo (1996) e Ardá (1998) confirmam e acrescentam que os jogadores que não intervêm directamente no processo defensivo devem preparar mentalmente o ataque, enquanto os que não se implicam directamente no ataque têm a obrigação de preparar mentalmente a defesa. Assim, estas duas fases (ofensiva e defensiva), edificadas sob uma verdadeira oposição lógica, são no fundo o complemento uma da outra, estando directamente implicadas, o que traduz que a totalidade de uma fase encontra-se na totalidade da outra (Castelo, 1996).

Mourinho (*in* Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006) partilha desta perspectiva ao afirmar que não aborda nenhuma competição (jogo) em que a organização defensiva exija mais que a organização ofensiva ou vice-versa, da mesma forma que não prepara nenhum jogo sem que todos os jogadores tenham as suas funções defensivas e ofensivas, inclusivamente o Guarda-redes. O mesmo autor é claro quanto ao sucesso desta perspectiva: “Numa equipa que quer ser de topo, todos os jogadores têm de participar nos quatro momentos do jogo... Guarda-redes incluído”.

Este entendimento do jogo assume a *Transição* para um Modelo Unitário da organização dinâmica do jogo de Futebol como mostra a figura 2.3., na medida em que os jogadores devem estar permanentemente predispostos para responder com eficiência à necessidade de defender e de atacar, devendo colaborar ao máximo em ambas as funções de acordo com a situação de jogo (Cervera & Malavés, 2001).

Em conclusão desta perspectiva, centramo-nos nas palavras de Valdano (2001) ao afirmar que “o ataque não se esgota no atacar, porque dentro do campo, por muito longe que esteja a bola, um jogador deve perguntar-se permanentemente: que posso eu fazer pela minha equipa?”

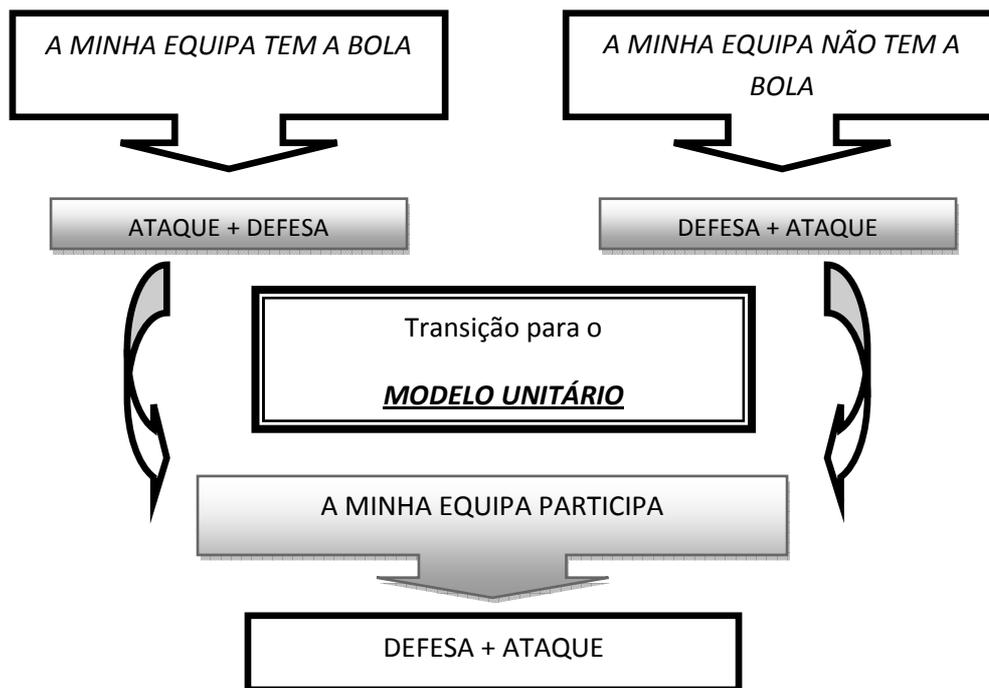


Figura 2.3. - Modelo Unitário da organização do jogo de Futebol (Cervera e Malavés, 2001)

2.3. Análise de Jogo – Um dos pressupostos fundamentais para o sucesso do treinador

Definimos *feedback* como um conceito que comporta a diferença entre o objectivo visado e a resposta efectivamente produzida (Godinho, 2002), podendo ser adquirida intrinsecamente através de receptores internos (músculos e articulações) e/ou receptores externos (olhos, ouvidos) ou extrinsecamente através do treinador.

Todos aceitamos que a melhoria da *performance* depende em grande parte da qualidade do *feedback* fornecido aos seus jogadores. Essa melhoria será limitada e estará condicionada se o treinador fornecer indicações baseado apenas numa avaliação assistemática e subjectiva (Garcia, 2000).

Neste sentido, é evidente que um treinador dependa largamente da obtenção de informação para poder tomar decisões sobre o caminho a seguir na modelação da *performance* da sua equipa (Silva, 2006) e assim fornecer *feedback* preciso, correcto e eficaz aos seus atletas e à sua equipa.

Neste sentido, vários autores (Franks & McGarry, 1996; Ortega, 1999; Garganta, 2001; Rodrigues, 2004) referem a importância da análise de jogo para o processo de

treino – a valoração, recolha, registo, armazenamento e tratamento dos dados a partir da observação das acções de jogo são actualmente ferramentas imprescindíveis para o controlo, avaliação e reorganização do processo de treino e competição nos jogos desportivos colectivos e cada vez mais determinantes na optimização do rendimento dos jogadores e das equipas.

Com a análise de jogo é possível incrementar os conhecimentos acerca do jogo e definir a forma como podemos modificar ou potenciar determinados comportamentos ou que tipo de estratégias o treinador pode utilizar para tentar alcançar o melhor resultado possível, melhorando assim a qualidade do rendimento individual e colectivo, através da modelação das situações de treino (Calligaris, Marella & Innocenti, 1990; Garganta, 2001, 2000, 1998). A análise de jogo nos jogos desportivos colectivos, nomeadamente o futebol, procura reduzir a imprevisibilidade e a incerteza da modalidade construindo modelos eficazes que sejam potenciadores do sucesso que todos os treinadores procuram.

As grandes vantagens da implementação da análise de jogo estão descritas segundo alguns autores na Tabela 2.2.

Tabela 2.2. - Vantagens da implementação da análise de jogo

Moutinho (1991)	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e compreender os princípios estruturais do jogo, os critérios de eficácia de rendimento individual e colectivo, e a adequação dos modelos de preparação;
Oliveira (1993)	<ul style="list-style-type: none"> • Rentabilizar o processo de treino e as competições; • Aprofundar o conhecimento sobre o jogo;
McGarry & Franks (1994)	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar e inferir tendências ou padrões de jogo; • Realizar uma avaliação não parcial da <i>performance</i> desportiva e focar a atenção do treinador nos indicadores chave do comportamento desportivo;
Bacconi & Marella (1995)	<ul style="list-style-type: none"> • Treinador – descobrir os erros técnico-tácticos condicionantes da prestação da sua própria equipa para tentar corrigi-los; Analisar o nível técnico-táctico do adversário e as suas debilidades; • Jogador – observar objectivamente a própria prestação sob as directrizes orientadoras do treinador;
McGarry & Franks (1995)	<ul style="list-style-type: none"> • Obter informações sobre o processo de treino e a partir daí tomar decisões;

Cont.

Continuação da Tabela 2.2.

O'Donoghue & Ingram (1998)	<ul style="list-style-type: none">• Monitorizar a evolução dos jogadores;• Direcção da atenção do treinador para os aspectos chave;
Sampaio (1999)	<ul style="list-style-type: none">• Aceder ao conhecimento da organização do jogo e aos factores que concorrem para o sucesso desportivo;• Planificar e organizar o treino, tornando os seus conteúdos mais objectivos e específicos;• Regular a aprendizagem, o treino e a competição;
Garganta (2001)	<ul style="list-style-type: none">• Configurar modelos de actividade dos jogadores e das equipas;• Identificar os traços da actividade cuja presença ou ausência se correlaciona com a eficácia de processos e a obtenção de resultados positivos• Promover o desenvolvimento de métodos de treino que garantam uma maior especificidade;• Indiciar tendências evolutivas das diferentes modalidades desportivas;
Caixinha (2004)	<ul style="list-style-type: none">• Avaliação e conhecimentos das variáveis estruturais e funcionais do rendimento em futebol;
Pacheco (2005)	<ul style="list-style-type: none">• Aprofundar conhecimentos acerca do desenvolvimento do jogo;
Hughes & Churchill (2005)	<ul style="list-style-type: none">• Identificar os pontos fortes e os fracos da sua própria equipa e do adversário;
Sousa (2005)	<ul style="list-style-type: none">• Meio de evolução do processo de treino e das competições e de aprofundamento do conhecimento relativo do jogo;
Arecos (2008)	<ul style="list-style-type: none">• Aumentar conhecimentos relativos ao conteúdo e à lógica do jogo;• Modelar situações de treino pertinentes e significativas.

A análise de jogo tem, portanto, como funções fundamentais diagnosticar, coligir e tratar os dados recolhidos e disponibilizar informação sobre a prestação dos jogadores e das equipas, permitindo identificar as acções realizadas por aqueles e as exigências que lhe são colocadas para as produzirem (Garganta, 1998). É sobretudo uma valiosa fonte de informação que permite aos treinadores providenciarem um *feedback* eficaz e bastante conclusivo sobre os comportamentos individuais (atletas) e colectivos (equipa) realizados.

2.4. A solução para uma análise de jogo nos JDC, particularmente o futebol

2.4.1. Dizer “Não” ao Empirismo e Sistematizar

O Futebol é um jogo de opiniões e, sem dúvida, muitos treinadores e dirigentes basearam e continuarão a basear as suas estratégias e táticas nas suas opiniões (Silva, 2006). Logicamente que esse tipo de observações não só é pouco válida, como é também normalmente imprecisa (Hughes, 2005), já que os treinadores de Futebol tendem a emitir opiniões subjectivas sobre os factores determinantes do resultado do jogo, fazendo com que as suas conclusões variem muito (Harris & Reilly, 1988; Dufour, 1989; Ortega, 1999). Estas emissões de opiniões subjectivas são extensíveis a todos os observadores e aumentam com o número e variabilidade dos eventos de jogo (Garganta, 2001). Riera (1995) acrescenta que mesmo a experiência dos treinadores revela-se normalmente insuficiente na análise de jogo, uma vez que as situações e os participantes são diferentes e a dinâmica da competição é irrepetível, para além das acções a realizar pelo adversário serem muito mais imprevisíveis.

Deste modo, a observação baseada em opiniões subjectivas dos treinadores apresenta vários problemas que se agrupam em 3 categorias:

- Destaques – Comumente os treinadores conseguem lembrar os aspectos críticos do jogo, normalmente aqueles que provocam maior impacto no espectador e perdem outros acontecimentos importantes, noutras zonas do campo (Murtough & Williams, 1999). Deste modo a informação retida pode ser limitada e influenciada por apreciações subjectivas decorrentes de uma gama muito complexa de laços afectivos e emoções (Garganta, 1998).
- Memória – A memória humana é limitada e torna-se praticamente impossível recordar com exactidão os acontecimentos que se produzem durante a totalidade do jogo (Garcia, 2000; Franks et al., 1983). Num estudo realizado, apenas 12 % das acções realizadas num jogo foram recordadas da forma como realmente aconteceram. Portanto, a mente dos treinadores possui deficiências na sua habilidade para reter informação e fornecer uma observação totalmente imparcial (Joyce, 2002).

- Conhecimento da informação do jogo – A qualidade do *feedback* fornecido aos jogadores é limitada e condicionada se o treinador apresentar como base uma observação assistemática e subjectiva (Garcia, 2000).

De acordo com um dos grandes propósitos da análise de jogo que consiste em diferenciar as opiniões pessoais dos factos (Garganta, 2000; Carosio, 2001), faz sentido sistematizar a análise de jogo, isto é, é necessário desenvolver sistemas e métodos de observação que possibilitem o registo de todos os factos relevantes do jogo, para que o processo de análise tenha fidelidade e validade (Oliveira, 1993). Estes sistemas e métodos implementados devem ser sempre implementados de acordo com os objectivos que se querem analisar.

Assim sendo, para fazer face à observação causal e subjectiva, tem-se utilizado a observação sistemática e objectiva, a qual tem permitido recolher um número significativo de dados sobre o jogo através de sistemas computadorizados, com o objectivo de identificar os elementos críticos do sucesso na prestação desportiva, traduzindo dados em informação fiável e útil (Garganta, 2001; 2003).

Na tabela 2.3. estarão apresentados os critérios que determinam uma análise sistemática do jogo.

Tabela 2.3. – Critérios que determinam uma análise sistemática do jogo
(Damas & Ketele, 1985; Winkler, 1988)

-
- Define com clareza os objectivos da observação;
 - Emprega processos coerentes e repetíveis;
 - Define (standardiza) as condições de observação;
 - Emprega técnicas/métodos apropriados e rigorosos de observação, notação e codificação;
 - Desenvolve um método viável de avaliação da observação que é posteriormente aplicado;
 - Os resultados são apresentados recorrendo a sequências de imagens de vídeo e a gráficos (tabelas, figuras, etc.);
 - Os resultados são interpretados e posteriormente analisados para referências futuras.
-

A subjectividade, lentamente, vem cedendo lugar a interpretações fundamentadas cientificamente (Cunha, Binotto & Barros, 2001). Através do uso de um sistema de observação objectivo, os treinadores podem focar a sua atenção na análise do que eles percebem como crítico na *performance* dos seus jogadores e assim planear sessões

de treino baseadas nestas análises para melhorá-la (Hughes, 2005). Deste modo, a passagem do uso de técnicas empíricas e muito pouco elaboradas, para o uso de métodos e técnicas objectivas e sistemáticas, de acordo com o que o treinador pretende da análise, permite um *feedback* mais correcto e menos incerto aos seus jogadores e à sua equipa antes, durante e após a competição e permite potenciar as sessões de treino de acordo com os resultados positivos e negativos da análise de jogo.

2.4.2. Análise qualitativamente quantificável

Na análise da *performance* no Futebol, constatou-se que existem muitos estudos baseados em análises quantitativas e poucos baseados em análises qualitativas (Tenga & Larsen, 1998). Segundo Garganta (1998; 2001), a opção tem recaído sobre sistemas de observação que concedem destaque à análise descontextualizada das acções do jogador, ao produto das acções ou comportamentos, à dimensão quantitativa das acções e às situações que culminam no objectivo do jogo. Porém, segundo o mesmo autor, estes estudos não revelam a verdadeira complexidade do Futebol.

A análise quantitativa de forma isolada conduz por vezes a dados irrelevantes, pouco concretos e pouco conclusivos, sobre o que determina a *performance* no Futebol dado que, segundo Borrie, Jonsson & Magnusson (2002) a *performance* desportiva consiste numa série complexa de interrelações entre uma grande variedade de variáveis. Portanto, segundo os mesmos autores, a simples frequência de dados não é capaz de capturar a totalidade da complexidade da *performance*.

A solução passa por aumentar a relevância na análise qualitativa, não esquecendo a análise quantitativa, ou seja, a solução passa por uma combinação dos dois tipos de análise, qualitativa e quantitativa.

Garganta (1998) partilha desta opinião, considerando que a construção de sistemas de observação deve englobar categorias integrativas cuja configuração permita passar da análise centrada na quantidade das acções realizadas pelos jogadores, à análise centrada nas quantidades da qualidade das acções de jogo, no seu conjunto. Assim, de acordo com esta afirmação, no Futebol não é suficiente conhecer a frequência de remates à baliza, se essa informação não for acompanhada de uma variável qualitativa, como, por exemplo, a zona onde se iniciou a acção que contribuiu para esse objectivo.

Portanto, o uso de dados qualitativos conjuntamente com uma análise estatística adequada contribuirá para tornar os sistemas de análise de jogo mais relevantes para o Futebol (Hughes, 1996).

2.5. Análise de Jogo no Futebol

2.5.1. Recuperação da Posse de Bola

Segundo Garganta (1997) uma equipa tem Posse de Bola quando qualquer um dos seus jogadores respeita pelo menos uma das seguintes situações: i) Realiza pelo menos três contactos consecutivos com bola; ii) Executa um passe positivo (permite a manutenção da posse de bola); iii) Realiza um remate.

Variáveis associadas à recuperação da posse de bola como as zonas de recuperação, o tipo de recuperação e as relações de cooperação – oposição na zona de recuperação têm sido estudadas aprofundadamente de forma a perceber que relação existe entre estas variáveis e o desenvolvimento do processo ofensivo, nomeadamente as acções ofensivas com finalização, que são o nosso objecto de estudo.

Zona de Recuperação da Posse de Bola

Segundo Reis (2004), a zona do terreno de jogo onde se conquista a posse de bola é um dos aspectos mais importantes no momento de transição defesa – ataque.

Estudos efectuados por Ribeiro (2003) e Reis (2004) constataram que a zona central do sector defensivo e médio-defensivo são os locais onde se verifica maior número de recuperações de posse de bola. Ao encontro desta ideia converge Costa (2005), referindo que o local em que a equipa analisada adquiriu a posse de bola com maior frequência foi o meio-campo defensivo. Esta autora acrescenta que, sempre que nos focalizamos nas sequências terminadas com remate, verificamos que dos sectores mais ofensivos contribuíram os corredores laterais (OD e OE, respectivamente), enquanto, dos mais defensivos contribui mais o central (DC e MDC). Esta afirmação é também sustentada pelos estudos de Silva (2007) ao concluir que tanto em equipas de nível superior como de nível inferior, as recuperações de bola realizadas no sector defensivo são efectuadas preferencialmente na zona central, enquanto à medida que as

recuperações são realizadas nos sectores mais próximas da baliza adversária, estas são efectuadas preferencialmente em zonas laterais.

Apesar desta predominância visível do sector defensivo e médio-defensivo nas recuperações da posse de bola, alguns estudos têm revelado conclusões divergentes.

Hughes (1990) refere que a zona de recuperação da posse de bola pode influenciar a eficácia da equipa. No estudo que realizou, a probabilidade de recuperação da bola na zona ofensiva é sete vezes maior que em qualquer outra zona do terreno de jogo, ou seja, o autor verificou que cada 34 posses de bola ganhas no terço ofensivo originavam 1 golo enquanto recuperando a bola no terço defensivo, necessitou-se de 235 recuperações para fazer um golo. Bate (1988) verificou que 50 a 60% dos movimentos que conduziram a situações de remate tiveram origem no terço ofensivo. Reep & Benjamin (1968) verificaram que 50% dos golos provêm de uma recuperação de bola no sector ofensivo e 58% dos golos no meio-campo ofensivo.

Portanto, são vários os estudos em que encontramos esta variável. O campograma normalmente utilizado, para a definição das zonas de recuperação da posse de bola dispõe da divisão do terreno de jogo em quatro sectores e três corredores. Os quatro sectores transversais apresentados são o Defensivo (D), o Médio Defensivo (MD), o Médio Ofensivo (MO) e o Ofensivo (O), dispostos de forma sequenciada nesta ordem na direcção do ataque da equipa observada. A estes se sobrepõem três corredores longitudinais esquerdo (E), central (C) e direito (D), orientados num plano frontal à baliza para onde a equipa observada ataca.

Tipo de Recuperação da Posse de Bola

Quando analisamos a recuperação da posse de bola, para além de abordarmos um critério de espacialização, procuramos também perceber que acções táctico-técnicas caracterizam a recuperação da posse de bola.

O tipo de recuperação da posse de bola resulta de acções táctico-técnicas defensivas, caracterizando-se pelas tentativas de retirar a posse de bola ao adversário.

Garganta (1997) afirma que é mais conveniente que as equipas recuperem a posse de bola através de situações dinâmicas que garantam a continuidade do jogo ofensivo e

a sua fluidez, podendo assim criar desequilíbrios e surpreender o adversário no seu processo defensivo.

O mesmo autor refere que a intercepção (acção táctica técnica dinâmica de recuperação de bola) é a forma mais vantajosa na procura da eficácia ofensiva. Vários estudos vão ao encontro do que Garganta retrata anteriormente, como é o caso dos estudos de Mendes (2002), Ribeiro (2003) e Reis (2004), em que se verifica uma constante supremacia das sequências ofensivas com origem na recuperação de bola por acções dinâmicas, com a intercepção obtendo maior predomínio, seguido das recuperações por erro do adversário e o desarme.

É lógico este entendimento, já que a recuperação da bola por bola parada permite ao adversário reorganizar-se defensivamente, tornando assim mais improvável a realização da acção ofensiva com eficácia. Por outro lado, a recuperação da bola a partir de acções dinâmicas aliada a uma acção de *pressing* sobre o portador da bola e zonas próximas deste, permite a passagem do processo defensivo para o ofensivo com maior fluidez, provocando portanto maior desequilíbrio na zona defensiva do adversário.

Primeira acção após a recuperação da posse de bola

Identificar que acções táctico-técnicas são mais frequentemente utilizadas na primeira acção após a recuperação de bola, que induzem eficácia ofensiva, é uma questão muito pertinente na observação de jogo. Não nos devemos restringir apenas à análise quantitativa de determinadas acções técnicas como o passe, mas também pensar nele de uma forma qualitativa, isto é, é importante por exemplo, identificar quantos passes a equipa realizou para efectuar a acção ofensiva, mas mais importante é perceber, por exemplo, que características tiveram esses passes e qual o seu efeito no final da acção ofensiva.

Por isso Garganta (1997) afirma que o passe apenas pode ser considerado um elemento importante para a análise de jogo, mais propriamente para a análise da táctica da fase ofensiva, quando se consideram factores que não os estritamente quantitativos. Obviamente que este autor refere o passe como apenas um exemplo, podendo também ser dados outros exemplos como a condução de bola, o drible, o cruzamento, etc.

Alguns autores têm procurado qualificar o passe quanto à sua distância, altura, direcção e sentido (Castelo, 1996; Silva, 1998; Garganta, 1997). Silva (1998) refere que as características específicas do primeiro passe entre equipas de níveis competitivos distintos não evidenciam diferenças estatisticamente significativas, sendo o tipo de passe mais utilizado para iniciar o processo ofensivo, o curto/médio, baixo e longitudinal.

Garganta (1997) concluiu que uma acção de jogo aparentemente simples, como um passe longo, pode induzir desequilíbrio no balanço ataque/defesa e provocar rupturas no sistema defensivo adversário. Na mesma ordem de ideias, Hughes & Franks (2005) ao analisarem os jogos dos Campeonatos do Mundo de 1990 e 1994, evidenciaram a importância do passe longo, como forma de colocar a bola rapidamente numa zona propícia de finalização, chegando à conclusão que o número de finalizações obtidas através do passe longo foi significativamente maior do que através do passe curto. Outros estudos como os de Mendes (2002) e Reis (2004) realçaram a utilização predominante de passes curto/médio e dirigidos para a frente como primeira acção após a recuperação da posse de bola.

Deste modo, mostra-se importante perceber se o processo ofensivo é iniciado através de passe ou condução de bola e caracterizar cada uma destas formas quanto à distância e direcção.

2.5.2. Fase de construção do processo ofensivo

Amplitude Ofensiva e Número de Variações de Corredor

Vales (1998) define Amplitude Ofensiva (AO) como o número de corredores distintos utilizados desde a recuperação da posse de bola até à finalização da acção ofensiva. O Número de variações de corredor define-se como o número de vezes que na Acção Ofensiva a bola circula através de passe para um corredor diferente (Garganta, 1997).

Segundo Castelo (2003), as variações de corredor criam um maior espaço de jogo que proporciona um número mais elevado de alternativas de resolução táctico-técnica das situações momentâneas do jogo.

Para Garganta (1997) a variação de corredor é um indicador de eficácia ofensiva. O mesmo autor e colaboradores (2002), chegaram à mesma conclusão e para além disso verificaram um maior índice de variação nas acções ofensivas que terminaram em remate.

Costa (2005) constatou ser possível associar a eficácia das sequências ofensivas à variabilidade das mesmas, uma vez que na maioria das sequências terminadas em remate a equipa observada realizou uma (40%), duas (30,7%) e três ou mais (20,7%) variações de corredor. De realçar ainda que das acções que não apresentaram variação de corredor uma pequena parte obteve remate (8,7%), em comparação com uma maior fatia (22,5%) que culminou sem remate.

Pensamos portanto, que de acordo com estes dados, a variação de corredor é um factor causador de instabilidade na equipa defensora.

Participação Ofensiva

Vales (1998) define Participação Ofensiva (PO) como o número de jogadores distintos da equipa observada que intervêm de forma directa no desenvolvimento da Acção Ofensiva. Segundo Maças (1997), esta variável refere-se à quantidade (número) de jogadores envolvidos na acção ofensiva.

Deste modo, o número de jogadores que intervêm na sequência ofensiva é, não só um indicador quantitativo, mas poderá estar relacionado com uma maior variabilidade de movimentos da bola em campo e, conseqüentemente, a uma maior ocupação do espaço de jogo na fase ofensiva do mesmo. Faria (1998) revelou um número de participantes directos na sequência ofensiva entre 2 e 6. Já Rodrigues (2000) verificou uma média inferior a quatro elementos nas acções ofensivas com finalização.

Costa (2005) analisou 523 sequências ofensivas e verificou um domínio das acções ofensivas em que intervinham directamente três jogadores (26,3%), sendo a intervenção de quatro jogadores a segunda categoria mais observada (18,8%). Matos (2006) verificou de igual modo uma predominância de 3 a 4 jogadores envolvidos nas acções ofensivas que originaram golo.

Percebe-se pelos estudos referidos que um reduzido número de intervenientes parece caracterizar as acções ofensivas.

Elaboração Ofensiva

Elaboração ofensiva é definida como o número de passes entre os jogadores da equipa observada durante a realização da acção ofensiva.

Mombaerts (2000) concluiu que uma sequência de passes reduzida (1-4 passes) resulta em acções ofensivas mais eficazes. Também Grehaigne (2001) constata a importância deste aspecto ao concluir que as sequências ofensivas que resultam em golo não ultrapassam em média os 3-4 passes. Garganta (1997) observou uma diminuição na probabilidade de sucesso na finalização, seja qual for a zona de finalização, quando a acção ofensiva supera os 5 passes. O mesmo autor concluiu que a realização da acção ofensiva se caracteriza por uma sequência curta de passes (≤ 5 passes).

Estes estudos demonstram uma opção por um número reduzido de passes, o que implica um aproveitamento da desorganização defensiva adversária para realizar ataques mais rápidos.

Última acção antes da finalização da acção ofensiva

A acção que antecede a finalização define-se como uma acção táctico-técnica que possibilita a finalização, isto é, a fase de pré-finalização.

Carling, Williams & Reilly (2005) referem que a maioria dos golos no Mundial 2002 foi precedida de um passe ou de um cruzamento (29% foram precedidos de passe e 29% foram precedidos de cruzamento). De referir ainda que neste estudo os golos antecidos por uma acção individual (drible) apresentaram uma percentagem razoável (14%).

O mesmo autor e colaboradores, comparando as acções que precederam golos no Mundial 1998 e de 2002, verificaram que os golos precedidos de passe tiveram uma percentagem maior no Mundial 1998 do que em 2002 (47% e 29% respectivamente). O mesmo aconteceu para a categoria de drible (14% em 2002 e 20% em 1998). Pelo contrário, a percentagem de golos por cruzamento foi maior em 2002 do que em 1998 (29% contra 18%).

Barreira (2006) num estudo sobre a transição defesa-ataque no campeonato português constatou que as condutas predominantes, imediatamente anteriores a uma finalização eficaz, são as condutas de drible, de condução ou de passe.

Olhando a estes estudos, as condutas mais frequentes como Última acção antes da finalização são condutas de risco, como o passe, cruzamento, drible ou condução, permitindo romper com o equilíbrio defensivo da equipa adversária, provocando uma desestabilização, que é aproveitada pela equipa em posse de bola para originar situações de finalização.

2.5.3. Fase de finalização do processo ofensivo

A fase de finalização do processo ofensivo é, como o nome indica, a última fase da acção ofensiva que se caracteriza por uma acção de remate, sendo a fase que qualquer equipa almeja atingir, para conseguir o principal objectivo da partida de futebol: marcar golo.

Desta forma vários autores têm procurado perceber algumas características desta fase como as zonas predominantes de finalização ou a forma como termina a acção.

Zona de Finalização

Vários autores (Bezerra, 1995; Costa, 2005) têm tentado perceber quais as zonas preferenciais para o sucesso das acções ofensivas.

Lopez (2002) num estudo do Campeonato do Mundo e Liga Espanhola verificou que 60% dos golos ocorreram dentro da área e numa zona frontal, 26% dentro da pequena área e 10% fora da área.

Yiannakos & Armatas (2006) estudaram os 32 jogos do Europeu de 2004, verificando que a maior parte das sequências ofensivas foram finalizadas na grande área (44,1%), seguidas das finalizadas dentro da pequena área (32,2%) e, por fim, fora da grande área (20,4%). Matos (2006) obteve as mesmas conclusões para as acções que terminaram em golo.

Mais recentemente, Silva (2007) constatou uma diminuição da percentagem de acções à medida que nos aproximamos da baliza, tanto em equipas de nível inferior como de nível superior, isto é, verificou-se que as acções são finalizadas

preferencialmente fora da área, num menor número dentro da grande área e por último dentro da pequena área.

2.5.4. O Método de Jogo Ofensivo

Os Métodos de Jogo (MJ) compreendem um conjunto coordenado de princípios de dispositivos e de acções técnicas individuais, que têm por objectivo a organização racional do ataque e da defesa, a passagem rápida da situação defensiva à situação ofensiva e vice-versa (Garganta, 1997). Segundo o mesmo autor os MJ representam a forma geral das acções de jogo e expressam-se através do modo como os jogadores/equipa: i) ocupam o terreno de jogo e nele se movimentam; ii) gerem o tempo de jogo, impondo o ritmo ou adaptando-se ao adversário; e iii) coordenam as tarefas nas acções individuais, de grupo e colectivas.

De acordo com Teodorescu (1984), Claudino (1993), Luhtanen (1993), Castelo (1994) e Garganta (1997), os Métodos de Jogo Ofensivos (MJO) confinam a forma geral de organização das acções dos jogadores no ataque, estabelecendo um conjunto de princípios (subjacentes ao modelo de jogo), que visam a racionalização do processo ofensivo, desde a recuperação da posse de bola até à progressão/finalização e/ou à manutenção da posse de bola. Segundo Castelo (2004) os pressupostos fundamentais de qualquer MJO são: i) o equilíbrio ofensivo; ii) a velocidade de transição das atitudes e comportamentos táctico-técnicos individuais e colectivos da fase defensiva para a fase ofensiva, assim como do centro do jogo (da zona de recuperação da posse de bola até zonas predominantes de finalização); iii) o relançamento do processo ofensivo; iv) os deslocamentos ofensivos em largura e profundidade; e v) a circulação táctica.

Nesta revisão abordaremos apenas os três principais MJO: Contra-ataque, Ataque Rápido e Ataque Posicional. Embora alguns autores identifiquem algumas combinações entre estes MJO, abordaremos apenas estes porque são os mais pertinentes de acordo com o nosso objectivo de estudo.

Para Ramos *in* Garganta (1997), o Contra-Ataque é caracterizado por uma acção táctica, em que uma equipa logo após ter conquistado a posse de bola, procura chegar o mais rapidamente possível à baliza adversária, sem que o oponente tenha tempo para se organizar defensivamente. Segundo Garganta (1997) o Contra-Ataque (CA) apresenta as seguintes características: i) a bola é conquistada no meio-campo defensivo e a equipa

adversária apresenta-se avançada no terreno de jogo e desequilibrada defensivamente; ii) utilizam-se sobretudo passes longos para a frente, a circulação de bola é realizada mais em profundidade do que em largura, com desmarcações de ruptura; iii) o número de passes não deverá ser superior a cinco; iv) rápida transição da zona de conquista da posse de bola para a zona de finalização, com tempo de realização do ataque inferior a 12 segundos; e v) ritmo de jogo elevado (elevada velocidade de circulação da bola e dos jogadores).

A utilização deste MJO por parte das equipas evidencia aspectos favoráveis e desfavoráveis. Segundo Garganta (1997) e Castelo (2004), os aspectos favoráveis pretendem: i) criar instabilidade na equipa adversária, provocada pela rápida transição defesa-ataque; ii) criar alto grau de insegurança nos jogadores adversários; iii) provocar um elevado desgaste tático-técnico, físico e principalmente psicológico na equipa adversária; iv) aumentar as dificuldades de marcação, dado que a maioria dos deslocamentos ofensivos são feitos de trás para a frente da linha da bola; v) potenciar a capacidade criativa e de iniciativa dos jogadores; iv) diminuir a possibilidade de sofrer um CA da equipa adversária e; v) aproveitar jogadores velozes e criativos. Quanto aos aspectos desfavoráveis, Castelo (2004) considera que: i) devido à velocidade do CA, há possibilidade de se perder rapidamente a posse de bola; ii) este MJO baseia-se fundamentalmente nas situações 1x1, 1x2 e 2x2; iii) a organização ofensiva torna-se menos coesa e permeável por não existir cobertura mútua entre os vários jogadores; iv) existe um rápido desgaste físico e psicológico sobre os jogadores que têm como função a construção do CA e; v) a necessidade de jogadores com grande espírito de sacrifício e entreaajuda.

Relativamente ao Ataque rápido, Garganta (1997) e Castelo (2004) sustentam que este MJO apresenta as características fundamentais que foram referidas para o Contra-ataque (CA). A diferença reside na organização defensiva adversária, que no CA apresenta-se desequilibrada defensivamente, enquanto no Ataque Rápido (AR), já se encontra organizada defensivamente no seu método defensivo. Para Castelo (2004) o AR é geralmente o MJO mais utilizado, o que evidencia claramente a tentativa constante e permanente de transportar o centro do jogo para espaços próximos da baliza.

Segundo Garganta (1997), o AR apresenta as seguintes características: i) a bola é conquistada no meio-campo defensivo ou ofensivo com a equipa adversária equilibrada defensivamente; ii) a circulação de bola acontece em largura e em profundidade com passes rápidos, curtos e longos alternados e as desmarcações são preferencialmente de ruptura; iii) o ritmo de jogo é elevado (elevada circulação de bola e dos jogadores); iv) o número máximo de passes realizados é sete; v) o tempo de realização de ataque não ultrapassa em regra os 18 segundos e; vi) intervenção directa máxima de seis jogadores sobre a bola. As vantagens e desvantagens deste MJO são fundamentalmente as mesmas do CA (Castelo, 2004).

Segundo Garganta (1997), o Ataque Posicional (AP) pressupõe uma elevada elaboração da fase de construção do processo ofensivo. As equipas que utilizam este método jogam sempre num bloco compacto, com acções de cobertura ofensiva constantes, especialmente os jogadores que intervêm directamente sobre a bola (Castelo, 1996).

O AP apresenta as seguintes características: i) A bola é conquistada no meio-campo defensivo ou ofensivo com a equipa adversária equilibrada defensivamente; ii) A circulação de bola acontece mais em largura do que em profundidade; iii) Número de passes superior a 7; iv) Tempo elevado de realização do ataque (superior a 18''); v) Ritmo de jogo lento em relação aos MJO anteriores (menor velocidade de circulação de bola e dos jogadores; vi) Número elevado de jogadores que intervêm directamente sobre a bola (superior a 6).

Analisando alguns estudos, verificámos:

- Low *et al.* (2002) numa observação de quarenta jogos do Campeonato do Mundo de 2002 na Coreia/Japão, refere que a capacidade para manter a posse de bola e simultaneamente progredir com esta no terreno de jogo é um forte indicador de uma *performance* de nível superior.

- Na mesma lógica, Garganta (1997) refere que as equipas mais bem sucedidas apostam mais frequentemente num estilo de jogo indirecto, com um número superior de passes, com mais jogadores intervindo directamente na bola e com um tempo de realização do ataque mais elevado, recorrendo ao ataque posicional.

- Grehaigne (2001) considerou que as situações de ataque rápido são as que maior perigo apresentam às equipas adversárias.

2.5.5. O Centro do Jogo

Define-se Centro do Jogo (CJ) como a zona onde a bola se movimenta num determinado instante (Castelo, 1996), isto é, através do contexto de cooperação e de oposição dos jogadores influentes no jogo na zona do campograma onde se encontra o portador da bola.

Portanto, a definição de CJ tem por base o número, a zona e a possível participação dos jogadores da equipa observada e o número, a zona e a possível participação dos jogadores adversários na zona do campograma em que se encontra o portador da bola.

No contexto da variável CJ, distinguem-se duas categorias de observação divididas em seis subcategorias:

- 1) Pressão (P) – Subcategorias Inferioridade Relativa (IFr), Inferioridade Absoluta (IFa) e Igualdade Pressionada (IGPr).
- 2) Sem Pressão (SP) – Subcategorias Superioridade Relativa (SPr), Superioridade Absoluta (SPa) e Igualdade Não Pressionada (IGNPr).

Logo, achamos pertinente a análise do centro de jogo no último contacto do adversário, na zona de recuperação e na zona de finalização para percebermos que tendência assume esta variável no momento de Transição Defesa-Ataque e na Fase de finalização do processo ofensivo para as acções ofensivas com finalização.

Analisando alguns estudos, verificámos num estudo de Barreira (2006) sobre a transição defesa-ataque no futebol português, que são as situações de superioridade relativa e inferioridade relativa as mais frequentes nas zonas próximas da bola, revelando uma constante preocupação das equipas em procurar situações de superioridade numérica na zona da bola tanto no processo defensivo como ofensivo. Por outro lado, o mesmo estudo revelou uma percentagem muito reduzida de situações de Inferioridade ou Superioridade absoluta, constando apenas o registo destas situações em 13 dos 5400 eventos registados.

Silva (2007) constatou que em zonas de finalização existia desvantagem numérica dos atacantes em relação aos defensores. Os valores médios desta diferença situavam-se entre 1,45 para equipas de nível superior e 1,46 jogadores para equipas de nível inferior, demonstrando-se assim situações de inferioridade relativa para a equipa observada.

Matos (2006) verificou que nos 274 golos analisados, na zona de finalização, 76,3% ocorreram em inferioridade numérica do ataque perante a defesa, 17,9% em igualdade entre as mesmas e só 5,8% ocorreram em superioridade do ataque sobre a defesa.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1. Amostra

3.1.1. Caracterização da Amostra

O presente estudo apresenta uma amostra constituída por 297 Acções Ofensivas com Finalização resultantes de jogo dinâmico, referentes aos jogos da Fase Final do Europeu de 2008 de Futebol no escalão sénior, que decorreu na Suíça e na Áustria.

3.1.2. Critérios de Definição da Amostra

Critério 1 – Tipo de Competição

A observação de competições entre selecções, nomeadamente eventos como um Campeonato do Mundo ou da Europa, é um hábito frequente neste tipo de investigação como mostra a nossa revisão de literatura. Tal escolha é fundamentada no facto de serem provas onde o nível competitivo é bastante elevado, com selecções de alto nível que levam a estes eventos os melhores atletas dos seus países. Outro fundamento reside no facto de haver uma fase qualificação anterior à fase final destas competições que de certo modo filtra as melhores selecções, pelo que decidimos utilizar os jogos do Campeonato da Europa realizados no ano de 2008 na Suíça e na Áustria.

Critério 2 – Sucesso das equipas na competição

Dentro do elevado nível de rendimento que caracteriza esta competição, foi nossa intenção diferenciar selecções que obtiveram sucesso na competição, de selecções que o não obtiveram.

Para diferenciar equipas de sucesso das equipas de insucesso, utilizamos como critério a classificação das equipas na fase final. Considerámos como equipas de sucesso todas aquelas que atingiram as meias-finais da competição (Espanha, Alemanha, Turquia e Rússia) e equipas de insucesso as que não ultrapassaram a fase de grupos (República Checa, Suíça, Áustria, Polónia, Roménia, França, Suécia e Grécia). Existiu ainda um conjunto de selecções que obtiveram um nível intermédio, superando a fase de grupos mas sendo eliminadas nos quartos-de-final (Portugal, Holanda, Itália e

Croácia), equipas estas que foram excluídas da amostra, para estabelecermos uma distinção mais marcada entre os diferentes tipos de equipas.

Realizaram-se assim 22 (vinte e duas) observações referentes aos jogos de 4 (quatro) selecções denominadas de equipas de sucesso e 23 (vinte e três) observações correspondentes aos jogos de 8 (oito) selecções denominadas de equipas de insucesso, sendo ainda excluídas 16 (dezasseis) observações de jogos de 4 (quatro) selecções denominadas de nível competitivo intermédio (ANEXO A).

Critério 3 – Tipo de Acções Analisadas

Para a nossa investigação optámos por analisar um conjunto de acções denominadas Acções Ofensivas com Finalização resultantes de jogo dinâmico (AOCF). Considerámos pertinente esta opção para percebermos de que forma evolui o momento de Transição Defesa – Ataque e o Processo Ofensivo nas suas diferentes fases (fase de construção e de finalização) de forma a obter uma acção com finalização e, além disso, procurar perceber que perfis desenvolvem as equipas de sucesso e de insucesso nestas acções de finalização e o que as distingue umas das outras.

Definimos então como Acções Ofensivas com Finalização resultantes de jogo dinâmico todas as acções que finalizem com:

- 1) Golo;
- 2) Defesa do guarda-redes;
- 3) Intercepção de um jogador da equipa que defende, que constitui-se como último obstáculo móvel a transpor, substituindo posicionalmente o guarda-redes da sua equipa;
- 4) Todas as acções em que após uma acção de remate intencional, a bola sai pela linha final da equipa defensora. (Garganta, 1997)

Foi também necessário excluir algumas acções que culminaram em finalização, em que não se efectuou qualquer tipo de análise ou recolha de dados, tais como:

- 1) Todas as Acções ofensivas, que segundo o árbitro da partida transgrediram as leis de jogo;
- 2) Todas as acções de grande penalidade, pontapé livre e lançamento linha lateral no sector ofensivo, e pontapé de canto;

- 3) Todas as Acções de pontapé livre e lançamento linha lateral no sector médio-ofensivo em que não se verifique uma elaboração da Acção Ofensiva;
- 4) Todas as Acções ofensivas decorridas em tempo de prolongamento, ou seja, em partes de jogos posteriores ao tempo regulamentar;
- 5) Todas as Acções Ofensivas ocorridas com uma das equipas em desvantagem numérica quanto ao número de jogadores (Ex: 11x10;10x9);

Respeitando estes critérios foram identificadas 297 AOCF, de 31 jogos realizados durante a Fase Final do Campeonato da Europa de 2008 realizado na Áustria e na Suíça. Posteriormente estas acções foram analisadas para a recolha de dados das variáveis em estudo.

3.2. Definição do sistema de categorias

O presente estudo coloca-nos perante uma grande diversidade de situações que necessitam de uma observação sistemática, específica e contínua. Sendo assim optámos pela elaboração de um instrumento *ad hoc*, pois permite um duplo ajuste, ou seja, reside na construção de um sistema de categorias que respondem em simultâneo a um marco teórico e à realidade do estudo em questão (Mendo, Villena, García, Orozco & Roldán 2000). A razão fundamental para esta decisão foi o facto de na Metodologia Observacional a elaboração de um instrumento *ad hoc* ser um dos requisitos básicos exigidos (Mendo *et al.*, 2000). Portanto, procede-se à construção de um instrumento próprio que vai ao encontro de todos os aspectos metodológicos exigidos pelo problema e pelos objectivos propostos, apresentando sempre como referência alguns trabalhos elaborados anteriormente.

Para a elaboração deste trabalho utilizámos como principal referência os estudos de Vales (1998) e Garganta (1997) pela forma clara como apresentam a metodologia conseguindo assim fornecer informação muito pertinente sobre alguns aspectos relevantes para o nosso trabalho. A partir deste trabalho obteve-se uma base rica e sustentada para iniciar o processo de construção do instrumento *ad hoc* pretendido.

Neste sentido elaboramos uma combinação entre os dois instrumentos básicos da Metodologia Observacional: o Formato de Campo e o Sistema de Categorias.

3.2.1. Formato de Campo

O Formato de Campo é a espacialização do terreno de jogo em várias zonas com a mesma dimensão. Para este estudo utilizámos o Campograma (ou Formato de Campo) de Espacialização do terreno de jogo em doze zonas / categorias (Figura 3.1.) formado a partir de uma divisão longitudinal em três corredores (lateral direito, lateral esquerdo e central) e a partir de uma divisão transversal em 4 sectores (defensivo; médio-defensivo; médio-ofensivo; ofensivo) definidos por Garganta (1997).



Figura 3.1. Formato de Campo definido por Garganta (1997)

Apresentado o Formato de Campo de suporte ao nosso estudo procedemos em seguida à codificação de cada uma das zonas, corredores e sectores como mostra a tabela seguinte.

Tabela 3.1. - Tabela de Denominação, Codificação e Descrição de Zonas, Corredores e Sectores

Denominação	Código	Descrição
Zona 1	1	Zona correspondente ao corredor lateral esquerdo do sector defensivo.
Zona 2	2	Zona correspondente ao corredor central do sector defensivo.
Zona 3	3	Zona correspondente ao corredor lateral direito do sector defensivo.
Zona 4	4	Zona correspondente ao corredor lateral esquerdo do sector médio-defensivo.
Zona 5	5	Zona correspondente ao corredor central do sector médio-defensivo.
Zona 6	6	Zona correspondente ao corredor lateral direito do sector médio-defensivo.
Zona 7	7	Zona correspondente ao corredor lateral esquerdo do sector médio-ofensivo.
Zona 8	8	Zona correspondente ao corredor central do sector médio-ofensivo.
Zona 9	9	Zona correspondente ao corredor lateral direito do sector médio-ofensivo.

Cont.

Continuação da Tabela 3.1.

Zona 10	10	Zona correspondente ao corredor lateral esquerdo do sector ofensivo.
Zona 11	11	Zona correspondente ao corredor central do sector ofensivo.
Zona 12	12	Zona correspondente ao corredor lateral direito do sector ofensivo.
Corredor Lateral Esquerdo	CLE	Corredor que engloba as zonas 1, 4, 7 e 10.
Corredor Central	CC	Corredor que engloba as zonas 2, 5, 8 e 11.
Corredor Lateral Direito	CLD	Corredor que engloba as zonas 3, 6, 9 e 12.
Sector Defensivo	SD	Sector que engloba as zonas 1, 2 e 3.
Sector Médio Defensivo	SMD	Sector que engloba as zonas 4, 5 e 6.
Sector Médio Ofensivo	SMO	Sector que engloba as zonas 7, 8 e 9.
Sector Ofensivo	SO	Sector que engloba as zonas 10, 11 e 12.

3.2.2. Variáveis

- Zona de Recuperação da Posse de Bola (ZREC)

Segundo Garganta (1997) uma equipa tem Posse de Bola quando qualquer um dos seus jogadores respeita pelo menos uma das seguintes situações:

- 1) Realiza pelo menos três contactos consecutivos com bola;
- 2) Executa um passe positivo (permite a manutenção da posse de bola);
- 3) Realiza um remate.

Para a recolha de dados desta variável utilizámos o Formato de Campo com 12 (doze) zonas definido por Garganta (1997). Na observação desta variável, em cada Acção Ofensiva com Finalização registou-se a zona (ZREC).

- Tipo de Recuperação da Posse de Bola (TREC)

Esta variável indica-nos a forma como é recuperada a posse de bola. A recuperação da posse de bola pode ser realizada por:

- 1) Intercepção (I) – A AOCF inicia-se através da intercepção de um passe ou remate do adversário, sem que ocorra interrupção do jogo. O jogador da EObS coloca-se de forma a cortar uma linha de passe de um adversário para outro ou a cortar uma linha de remate à baliza.

- 2) Desarme (D) – A AOCF inicia-se através de desarme, isto é, uma intervenção sobre a bola numa situação de luta directa com um oponente, que a procura conservar, sem que exista interrupção do jogo.
- 3) Erro do Adversário (E Adv) – A AOCF inicia-se através de um erro do adversário anterior à recuperação da posse de bola sem que exista interrupção do jogo. São situações em que os elementos da EObs não realizam qualquer tipo de acção para recuperar a posse de bola (ex: passe para o espaço vazio).
- 4) Recuperação pelo Guarda-redes (RECgr) – A AOCF inicia-se através da conquista da posse de bola por acção do guarda-redes da EObs (Ex: Agarrar a bola após cruzamento ou remate).
- 5) Interrupção Regulamentar a Favor (IRfav) – A AOCF inicia-se após uma interrupção regulamentar favorável à EObs, isto é, todas as bolas recuperadas a partir de faltas, lançamentos de linha lateral, pontapés de baliza ou fora de jogo.
- 6) Golo Adversário (Gadv) – A AOCF inicia-se a partir de um contacto de bola ao meio-campo após golo da equipa adversária.
- 7) Outros (O) – Todas as acções não especificadas nas anteriormente citadas.

- Primeira Acção após a Recuperação da Posse de bola (PA)

Para analisarmos esta variável tivemos sempre como referência a trajectória da bola e a forma como esta é dirigida, isto é, para onde é dirigida a bola desde a recuperação da posse de bola e de que forma é realizada, se através de passe (o jogador que recupera a posse de bola direcciona a bola a outro companheiro) ou através de condução de bola (o jogador que recupera a posse de bola dirige ele próprio a bola para uma zona diferente da ZREC).

Para estudar esta variável, classificámos os passes (Pa) quanto à sua direcção (Frente, trás, lados e oblíquos) e comprimento (curto/médio e longo). Da mesma forma classificámos a condução (Co), quanto à sua direcção (Frente, trás, lados e oblíquos) e comprimento (curto/médio e longo). De notar que a zona onde acaba a condução de bola é a zona em que o portador da bola realiza um passe para um companheiro ou um remate. As categorias definidas foram descritas na Tabela 3.2.

Tabela 3.2. - Tabela de denominação, codificação e descrição das categorias da variável PA

Denominação	Código	Descrição
Passé curto/médio para frente	PaCMF	Passé realizado no sentido do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, sendo realizado para um companheiro dentro da mesma zona ou para uma zona contígua da zona do passe.
Passé curto/médio para trás	PaCMT	Passé realizado no sentido contrário do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, sendo realizado para um companheiro dentro da mesma zona ou para uma zona contígua da zona do passe.
Passé curto/médio para o lado	PaCML	Passé realizado dentro do mesmo sector, sendo realizado para um companheiro dentro da mesma zona ou para uma zona contígua da zona do passe.
Passé curto/médio para oblíquo	PaCMO	Passé realizado para uma zona contígua à zona de passe, mas que não pertence nem ao mesmo corredor nem ao mesmo sector.
Passé longo para a frente	PaLF	Passé realizado no sentido do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, cuja trajectória da bola transpõe completamente um corredor intermédio até chegar à zona onde decorre a recepção do companheiro.
Passé longo para trás	PaLT	Passé realizado no sentido contrário ao do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, cuja trajectória da bola transpõe completamente um corredor intermédio até chegar à zona onde decorre a recepção do companheiro.
Passé longo para o lado	PaLL	Passé realizado dentro do mesmo sector, cuja trajectória da bola transpõe completamente um corredor intermédio até chegar à zona onde decorre a recepção do companheiro.
Passé longo oblíquo	PaLO	Passé cuja trajectória da bola ultrapassa obrigatória e completamente um corredor e um sector intermédio até chegar à zona onde decorre a recepção.
Condução curta/média para a frente	CoCMF	Condução realizada no sentido do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, sendo dirigida para a mesma zona, desde que o portador da bola realize mais de três toques, ou para uma zona contígua da ZREC, onde o condutor passará ou rematará.
Condução curta/média para trás	CoCMT	Condução realizada no sentido contrário do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, sendo dirigida para a mesma zona, desde que o portador da bola realize mais de três toques, ou para uma zona contígua da ZREC, onde o condutor passará ou rematará.
Condução curta/média para o lado	CoCML	Condução realizada dentro do mesmo sector, sendo dirigida para a mesma zona, desde que o portador da bola realize mais de três toques, ou para uma zona contígua da ZREC, onde o condutor passará ou rematará.
Condução curta/média oblíqua	CoCMO	Condução dirigida para uma zona contígua à ZREC, mas que não pertence nem ao mesmo corredor nem ao mesmo sector, onde o condutor passará ou rematará.
Condução longa para a frente	CoLF	Condução realizada no sentido do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, cuja condução transpõe completamente um corredor intermédio até chegar à zona onde o condutor passará ou rematará.

Cont.

Continuação da Tabela 3.2.

Condução longa para trás	CoLT	Condução realizada no sentido contrário ao do ataque da EObs, dentro do mesmo corredor, cuja condução transpõe completamente um corredor intermédio até chegar à zona onde o condutor passará ou rematará.
Condução longa para o lado	CoLL	Condução realizada dentro do mesmo sector, cuja condução transpõe completamente um corredor intermédio até chegar à zona onde o condutor passará ou rematará
Condução longa oblíqua	CoLO	Condução cuja direcção ultrapassa obrigatória e completamente um corredor e um sector intermédios até chegar à zona onde passará ou rematará.
Sem primeira acção	SPA	Sempre que o jogador que recupera a bola é o que finaliza dentro da ZREC, e sendo assim, não chega a efectuar o passe ou a condução de bola.

- Profundidade Ofensiva (PrO)

A PrO pretende determinar por um lado, o volume de terreno de jogo em sentido longitudinal que se ganhou desde a zona de recuperação da posse de bola até à zona de finalização da acção ofensiva à equipa adversária, e por outro lado, a proximidade da baliza adversária no momento da finalização (Vales, 1998).

Desta forma, adaptámos de acordo com os nossos objectivos, os métodos utilizados por Vales (1998) relativos a esta variável. Neste estudo distinguimos Profundidade Ofensiva Positiva (PrO+), Neutra (PrO=) e Negativa (PrO-).

Considerámos Profundidade Ofensiva Positiva quando a EObs consegue ganhar terreno de jogo no final da acção ofensiva, ou seja, o sector de ZREC está mais longe da baliza adversária do que o sector de ZFIN. Define-se Profundidade Ofensiva Neutra quando o sector de ZREC é o mesmo do sector de ZFIN e Profundidade Ofensiva Negativa quando o sector de ZREC está mais perto da baliza adversária do que o sector de ZFIN.

Na folha de registo destacámos esta variável de duas formas: se ela é positiva, neutra ou negativa (PrO) e, se é positiva, em que sector do campograma se inicia a acção e onde acaba a acção (PrO+).

Tabela 3.3. - Tabela de denominação, codificação e notação das categorias da variável PrO

Sector de Recuperação (SREC)	Sector Finalização (SFIN)	Notação
1 (SD)	2 (SMD)	1-2
1 (SD)	3 (SMO)	1-3
1 (SD)	4 (SO)	1-4
2 (SMD)	3 (SMO)	2-3
2 (SMD)	4 (SO)	2-4
3 (SMO)	4 (SO)	3-4
Mesmo Sector	Mesmo Sector	Neutra

- Amplitude Ofensiva (AO)

Pretende quantificar o nível de utilização do terreno de jogo num sentido transversal. Deste modo utilizamos a terminologia de Vales (1998) que define a AO como o número de corredores distintos utilizados desde a recuperação da posse de bola até à finalização da acção ofensiva. Deste modo, podemos classificar a AO como:

- 1) Mínima - significa que a equipa que realizou a acção utilizou apenas um dos três corredores para finalizar a acção.
- 2) Média - significa que a equipa que realizou a acção utilizou dois dos três corredores para finalizar a acção.
- 3) Máxima - significa que a equipa que realizou a acção utilizou todos os corredores que subdividem longitudinalmente o espaço de jogo.

- Nº de Variações de Corredor (NVC)

O NVC pode fornecer informações importantes em relação à amplitude das acções ofensivas, assim como em relação à organização privilegiada pela equipa na procura do desequilíbrio da equipa adversária. Esta variável define-se como o nº de vezes que na Acção Ofensiva a bola circula, através de passe, para um corredor diferente (Garganta, 1997).

- Participação Ofensiva (PO)

Para esta variável optámos pela definição de Vales (1998), que define a Participação Ofensiva como o número de jogadores distintos da EOb, que intervêm de forma directa no desenvolvimento da Acção Ofensiva.

- Elaboração Ofensiva (EO)

Definimos Elaboração Ofensiva como o número de passes entre os jogadores da EObs durante a realização da acção ofensiva.

- Última Acção antes da Finalização da Acção Ofensiva (UA)

A Última Acção antes da Finalização da Acção Ofensiva foi definida seguindo 4 critérios (CUA):

Critério 1 - UA pode ser realizada por um companheiro do jogador que realiza a finalização;

Critério 2 - UA pode ser realizada pelo próprio finalizador da Acção Ofensiva;

Critério 3 - UA pode ser produto de uma acção do adversário.

Deste modo consideramos como Última Acção realizada por um companheiro as seguintes acções motoras:

- 1) Passe – PaCMF, PaCMT, PaCML, PaCMO, PaLF, PaLT, PaLL, PaLO (definido anteriormente quando abordámos a variável Primeira Acção após a recuperação de bola).
- 2) Cruzamento (Cruz) – O companheiro que realiza a Última Acção situa-se num dos corredores laterais e no sector ofensivo, enviando a bola para o corredor central, seja em trajectória aérea ou junto ao solo.
- 3) Remate Companheiro (Rcomp) – Acção em que ocorre um remate dirigido à barra ou aos postes por parte de um jogador da EObs que não o finalizador da acção ofensiva, ao qual sucede imediatamente a finalização da AOCF (ex: Remate à barra por um jogador da EObs ao qual sucede imediatamente golo por parte de um companheiro).
- 4) Outro (O) – Qualquer outra acção que não as descritas anteriormente

Como Última Acção realizada pelo próprio finalizador considerámos todas as acções em que este finalize numa zona distinta da zona onde recebeu a bola. Assim sendo considerámos as seguintes acções:

- 1) Condução – CoCMF, CoCMT, CoCML, CoCMO, CoLF, CoLT, CoLL, CoLO (definido anteriormente quando abordamos a variável Primeira Acção após a recuperação de bola).
- 2) Remate pelo Próprio Finalizador (Rfinaliz) - Acção em que ocorre um remate dirigido à barra ou aos postes por parte de um jogador da EObs que será o mesmo que finalizará imediatamente a AOCF (Ex: Remate à barra por um jogador da EObs ao qual sucede imediatamente remate ao poste pelo mesmo jogador).
- 3) Remate pelo Próprio Recuperador (Rrec) – Acção em que o remate é realizado pelo recuperador da posse de bola, não ultrapassando os três toques na bola.
- 4) Drible (1x1) - A acção de drible do próprio finalizador define-se pelo ultrapassar com sucesso do(s) seu(s) adversário(s) directo(s) antes de realizar a finalização da acção ofensiva.

Por fim, quando a Última Acção pode ser produto da acção do adversário, apresentámos as seguintes categorias:

- 1) Intervenção do Adversário sem êxito (Iadv) – O adversário intervém sobre a bola, interrompendo ocasionalmente a acção ofensiva, no qual resulta a finalização da acção ofensiva por parte de um jogador da EObs (ex: remate de um jogador da EObs interceptado pelo adversário ao qual sucede um novo remate da EObs resultando numa das categorias que consideramos como finalização da AOCF).
- 2) Intervenção do Guarda-redes Adversário (Igr-adv) – Intervenção do Guarda-redes da equipa adversária. De notar que esta categoria só pode ser registada se for imediatamente sucedida de uma das categorias que consideramos como finalização da AOCF, para que não ocorram confusões com a Acção Ofensiva Positiva com Êxito Parcial. (Ex: Remate de um jogador da EObs, defendido pelo Guarda-redes adversário ao qual resulta imediatamente uma finalização com golo.)

- Centro de Jogo (CJ)

Define-se Centro do Jogo como a zona onde a bola se movimenta num determinado instante (Castelo, 1996), isto é, através do contexto de cooperação e de

oposição dos jogadores influentes no jogo na zona do campograma onde se encontra o portador da bola. Portanto, a definição de CJ tem por base o número, a zona e a possível participação dos jogadores da EObs e o número, a zona e a possível participação dos jogadores adversários na zona do campograma em que se encontra o portador da bola.

O conceito de CJ está intimamente relacionado com o de Pressão. Para Greháigne (2001) este encontra-se directamente relacionado com factores tático-estratégicos inerentes ao contexto de cooperação e oposição dos subsistemas ou níveis de organização das equipas em confronto; “confronto parcial” e “confronto individual”, que transformam a cada momento o fluxo acontecimental do jogo.

Neste contexto distinguem-se 2 (duas) categorias de observação divididas em 6 (seis) subcategorias:

- 1) Pressão (P) – Subcategorias Inferioridade Relativa (IFr), Inferioridade Absoluta (IFa) e Igualdade Pressionada (IGPr).
- 2) Sem Pressão (SP) – Subcategorias Superioridade Relativa (SPr), Superioridade Absoluta (SPa) e Igualdade Não Pressionada (IGNPr).

Na tabela 3.4. são definidas todas as subcategorias anteriormente identificadas.

Tabela 3.4. - Tabela de denominação, codificação e descrição das categorias e subcategorias da variável CJ

Categoria	SubCategoria	Código	Descrição
Pressão (P)	Inferioridade Relativa	IFr	No Centro do Jogo (CJ), a EObs encontra-se numa relação numérica de inferioridade com a equipa adversária. Esta inferioridade corresponde à EObs ter no CJ menos 1 (um) ou 2 (dois) jogadores que a equipa adversária. <u>Exemplo:</u> Situação de 1x2; 2x3; 1x3; 2x4.
	Inferioridade Absoluta	IFa	No CJ, a EObs encontra-se numa relação numérica de inferioridade com a equipa adversária. Esta inferioridade corresponde à EObs ter no CJ menos 3 (três) ou mais jogadores que a equipa adversária. <u>Exemplo:</u> 1x4; 2x5; 2x6; 3x6
	Igualdade Pressionada	IGPr	No CJ, no Sector Defensivo (SD), Sector Médio-Defensivo (SMD) ou Sector Médio-Ofensivo (SMO) a EObs encontra-se numa relação de igualdade numérica com a equipa adversária. No SMO considera-se IgPr quando o portador da bola encontra-se de costas para a baliza, com o adversário em contenção e sem linhas de passe para zonas de maior profundidade. <u>Exemplo:</u> 1x1;2x2; 3x3 nas zonas 1/2/3/4/5/6/7/8/9
Sem Pressão (SP)	Igualdade Não Pressionada	IGNPr	No CJ, no SMO (quando o portador da bola se encontra de costas para a baliza adversária com linhas de passe de maior ofensividade, ou se encontra de frente para a baliza adversária) ou no Sector Ofensivo (SO), a EObs encontra-se numa relação numérica de igualdade com a equipa adversária. <u>Exemplo:</u> 1x1; 2x2; 3x3 nas zonas 7/8/9/10/11 ou 12
	Superioridade Relativa	SPr	No CJ, a EObs encontra-se numa relação numérica de superioridade com a equipa adversária. Esta superioridade numérica corresponde à EObs ter no CJ mais um ou dois jogadores que a equipa adversária. <u>Exemplo:</u> 2x1; 2x0; 3x2; 3x1.
	Superioridade Absoluta	SPa	No CJ, a EObs encontra-se numa relação numérica de superioridade com a equipa adversária. Esta superioridade numérica corresponde à EObs ter no CJ mais três ou mais jogadores que a equipa adversária. <u>Exemplo:</u> 3x0; 4x1; 5x2;6x2.

Na recolha de dados da variável Centro do Jogo (CJ) registou-se:

- 1) O Centro de Jogo na zona onde é realizado o último contacto de bola pelo adversário antes da Recuperação da Posse de bola pela EObs (CJ-UCadv);
- 2) O Centro de Jogo na Zona de Recuperação da Posse de Bola (CJ-ZREC);
- 3) O Centro de Jogo na Zona de Finalização da Acção Ofensiva (CJ-ZFIN).

Na observação desta variável considerámos também a categoria *Sem Centro de Jogo* (SCJ). Registámos esta categoria quando:

- 1) A variável TREC é registada como IRfav e a EObs estava em manutenção da posse de bola antes do início da AOCF. Neste caso regista-se a categoria SCJ na CJ-UCadv e CJ-ZREC;
- 2) A variável TREC é registada como IRfav e existiu uma recuperação de bola do guarda-redes adversário que foi precedida de um canto, pontapé livre, lançamento ou grande penalidade da EObs. Neste caso regista-se a categoria SCJ na CJ-UCadv e CJ-ZREC;
- 3) A Recuperação de bola da EObs é precedida de um pontapé de canto ou pontapé livre ou lançamento do adversário para a grande área da EObs. Neste caso regista-se a categoria SCJ na CJ-UCadv e CJ-ZREC;
- 4) A variável TREC é registada como IRfav e a equipa adversária realiza um passe para fora do terreno de jogo. Neste caso regista-se a categoria SCJ apenas na CJ-ZREC;
- 5) Existe uma recuperação de bola do guarda-redes adversário que foi precedida de um canto, pontapé livre, lançamento ou grande penalidade da EObs. Neste caso regista-se a categoria SCJ apenas na CJ-UCadv;
- 6) Existe uma IRfav para a equipa adversária à qual sucede imediatamente uma recuperação de bola da EObs sem que ocorra IRfav da EObs. Neste caso regista-se a categoria SCJ apenas na CJ-UCadv;

- Zona de Finalização (ZFIN)

A Zona de Finalização define-se como a área onde ocorre o remate da acção ofensiva tendo como objectivo a obtenção do golo.

Como tal definimos três zonas de finalização (Figura 3.2.):

- 1) Dentro da Pequena Área (DPA)
- 2) Dentro da Grande Área, mas fora da pequena área (DGA)
- 3) Fora da Grande Área (FGA)

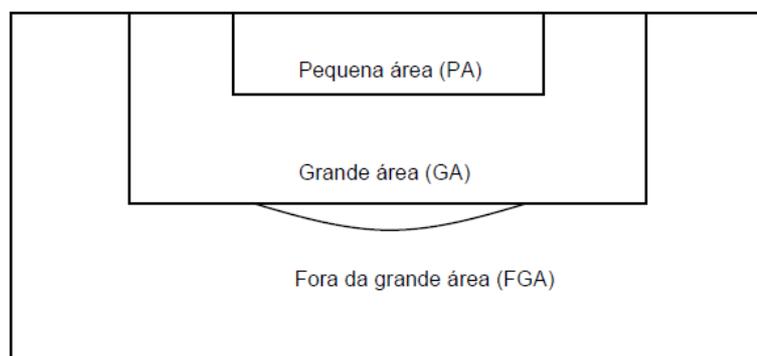


Figura 3.2. - Formato de Campo da variável ZFIN (adaptado Silva, E., 2007)

Na observação da variável, em cada AOCF, registou-se a zona do formato de campo da figura 3.2., correspondente ao último toque da EObs.

- Métodos de Jogo Ofensivo (MJO)

Segundo Castelo (2004), os MJO visam uma coordenação eficaz das acções dos jogadores que constituem a equipa, de forma a criar as condições mais favoráveis à concretização do objectivo fundamental de ataque – o golo.

Desta forma foi criado um conjunto de pressupostos fundamentais para distinguir os diferentes MJO:

- 1) Equilíbrio Ofensivo;
- 2) Velocidade de transição das atitudes e comportamentos táctico-técnicos individuais e colectivos da fase defensiva para a fase ofensiva assim como da zona de recuperação da bola até zonas predominantes de finalização;
- 3) O relançamento do processo ofensivo;
- 4) Os deslocamentos em amplitude e profundidade;
- 5) Circulação táctica (Castelo, 2004).

Deste modo, definimos três MJO já analisados em alguns estudos (Garganta, 1997; Morgado, 1999):

- 1) Contra-Ataque – Este MJO é caracterizado por uma acção táctica, em que uma equipa logo após ter conquistado a bola, procura chegar o mais rapidamente possível à baliza adversária, sem que o oponente tenha tempo para se organizar defensivamente (Garganta, 1997).
- 2) Ataque Rápido – Este MJO apresenta características muito semelhantes ao Contra-Ataque, no entanto a principal diferença reside na organização defensiva adversária que neste caso já apresenta equilíbrio defensivo (Garganta, 1997).
- 3) Ataque Posicional – Garganta (1997) refere que este método pressupõe uma elaboração elevada na fase de construção do processo ofensivo.

A tabela 3.5. mostra as características fundamentais de cada um dos MJO definidas por Garganta (1997).

Tabela 3.5. - Tabela de denominação, codificação e descrição dos diferentes MJO (Garganta, 1997)

Denominação	Código	Características
Contra-Ataque	CA	<ol style="list-style-type: none"> 1) A bola é conquistada no meio-campo defensivo e a equipa adversária apresenta-se avançada no terreno de jogo e desequilibrada defensivamente; 2) Utilizam-se sobretudo passes longos e para a frente, a circulação de bola é realizada preferencialmente em profundidade do que em largura, com desmarcações de ruptura; 3) Número de passes nunca superior a 5; 4) Rápida transição da zona de recuperação da posse de bola para a zona de finalização da acção, com um tempo de realização inferior a 12''; 5) Elevado ritmo de jogo (elevada velocidade de circulação de bola e dos jogadores); 6) Número reduzido de jogadores que intervêm directamente sobre a bola (menor ou igual a 4).

Cont.

Continuação da Tabela 3.5.

Ataque Rápido	AR	<ol style="list-style-type: none"> 1) A bola é conquistada no meio-campo defensivo ou ofensivo com a equipa adversária equilibrada defensivamente; 2) A circulação de bola acontece em largura e em profundidade com passes rápidos, curtos e longos alternados, as desmarcações são preferencialmente de ruptura; 3) Número de passes nunca superior a 7; 4) O tempo de realização da acção não ultrapassa em regra os 18''; 5) O ritmo de jogo é elevado (elevada velocidade de circulação de bola e dos jogadores); 6) Intervenção directa máxima de 6 jogadores sobre a bola.
Ataque Posicional	AP	<ol style="list-style-type: none"> 1) A bola é conquistada no meio-campo defensivo ou ofensivo com a equipa adversária equilibrada defensivamente; 2) A circulação de bola acontece mais em largura do que em profundidade; 3) Número de passes superior a 7; 4) Tempo elevado de realização do ataque (superior a 18''); 5) Ritmo de jogo lento em relação aos MJO anteriores (menor velocidade de circulação de bola e dos jogadores); 6) Número elevado de jogadores que intervêm directamente sobre a bola (superior a 6).

De salientar que na observação desta variável, quando ocorreram algumas dúvidas na identificação do MJO, tivemos em conta o maior número de características pertencentes a determinado MJO (Ex: Acção ofensiva que reúne 2 (duas) características de MJO por CA e reúne 4 (quatro) características de MJO por AR, opta-se pelo MJO por AR). Quando existiu igualdade no número de características, a acção ofensiva não foi registada.

- Sucesso das Equipas na Competição (SE)

O SE define-se de acordo com o nível de sucesso de uma equipa numa determinada competição.

Para esta variável definimos duas categorias:

- 1) Equipas de Sucesso (ES) – As ES são todas as equipas apuradas para as meias-finais da competição (Fase Final do Campeonato da Europa);

- 2) Equipas de Insucesso (EI) – As EI são todas as equipas eliminadas na fase de grupos da competição (Fase Final do Campeonato da Europa).

Na análise de resultados dividimos as variáveis pela fase ou momento do jogo a que cada uma corresponde. Optámos assim pelas seguintes divisões:

- 1 – Momento Transição Defesa – Ataque: ZREC, TREC, PA, CJ-UCadv, CJ-ZREC;
- 2 – Fase de construção do processo ofensivo: PrO, AO, NVC, PO, EO, UA;
- 3 – Fase de finalização do processo ofensivo: CJ-ZFIN, ZFIN;
- 4 – Outras Variáveis: MJO;

3.3. Observação e registo de dados

As tarefas de observação e registo de dados encontram-se directamente ligadas, já que o registo deve expressar a realidade observada de forma mais fiável e clara possível. Assim, pressupõe-se que o registo de dados consiste na transcrição da realidade observada, daí a construção de um instrumento *ad hoc* utilizado na observação que produz coerência e fiabilidade ao registo de dados (Anguera, 1992).

Desta forma depois da construção do instrumento *ad hoc*, torna-se fundamental referir a forma como a observação e o registo dos dados são realizados.

3.3.1 Características do Processo de Observação

Segundo Mendo et al. (2000) a Metodologia Observacional fundamenta-se em quatro critérios taxonómicos nos quais nos suportaremos para levar a cabo este estudo.

O primeiro critério é o *grau de cientificidade* que distingue observação passiva e activa. Apesar de ter sido utilizada uma observação activa pois existe um problema definido, controlo externo elevado e hipóteses exploratórias delineadas, inicialmente partimos de uma fase exploratória ou pré-científica, ou seja, uma observação de carácter passivo e assistemático.

Um segundo critério é denominado *grau de participação do observador*, que estabelece a ligação entre observador e observado. Existem quatro categorias para este

critério: não – participante; participante propriamente dito; participação – observação; e auto-observação. Para este estudo será utilizada a observação não participante já que o observador actua de forma neutra.

O terceiro critério respeita ao *grau de perceptividade*, no qual distinguimos observação directa e indirecta (Contreras & Ortega, 2000). No nosso estudo aplicámos a observação indirecta, pois o observador não se encontra fisicamente no local onde se desenvolve o jogo e por isso está sujeito a algumas desvantagens da observação indirecta, como a abrangência da imagem captada, o ângulo de filmagem, as repetições de imagens anteriores que impossibilitam o visionamento da totalidade da acção e a publicidade. Utilizou-se neste estudo meios audiovisuais, neste caso um televisor e um gravador DVD.

O quarto e último critério reporta-se aos *níveis de resposta*, que correspondem ao conteúdo da conduta a observar. Deste modo, distinguem-se conduta não-verbal, espacial, vocal e verbal (Mendo et al., 2000). No presente estudo foram utilizadas as condutas não-verbais pelo facto do jogo de Futebol apresentar como condutas preferenciais as motoras e gestuais.

3.3.2. Procedimentos de Observação

Como foi referido anteriormente aplicámos a observação indirecta através da utilização de meios audiovisuais para a recolha dos dados da amostra.

Todos os 31 jogos da Fase Final do Campeonato da Europa de 2008 foram gravados em HDD a partir de emissões realizadas por uma estação pública e por uma cadeia privada de televisão e, posteriormente, transformados em formato de DVD.

A visualização dos jogos e respectivas tarefas de observação foram efectuadas por DVD, através de um computador portátil *ASUS A6Jseries*. Neste computador foi possível verificar as acções ofensivas tantas vezes quanto necessário, assim como a utilização de um programa de visualização em “*slow motion*”, que permite ver a uma velocidade mais lenta a acção seleccionada.

3.3.3. Procedimentos de Registo

Depois de asseguradas todas as condições de fiabilidade do instrumento, procedemos à elaboração de uma ficha de registo das variáveis analisadas (Anexo B).

Portanto, por cada Acção Ofensiva com Finalização derivada de jogo dinâmico observada (AOCF), registávamos na ficha de registo todas as variáveis estudadas.

De destacar que por qualquer dúvida existente no registo de uma determinada variável, revemos várias vezes a AOCF até chegarmos à resposta. Caso persistisse a dúvida essa acção seria anulada.

3.4. Análise da qualidade dos dados

3.4.1. Fiabilidade intra-observador

O futebol é uma modalidade desportiva em que existe uma quantidade elevada de factores que influenciam, de várias maneiras, a forma como as acções são executadas, pelo que é importante perceber se os dados observados são interpretáveis, ou se pelo contrário, são o resultado de flutuações aleatórias introduzidas pelo instrumento de observação utilizado (Anguera, 1992).

Desta forma, em qualquer processo de observação, a fiabilidade intra (o mesmo observador realiza a observação e o registo da mesma observação em dois momentos diferentes) ou inter-observador (dois ou mais observadores registam a mesma sessão em simultâneo sendo esses observadores peritos na matéria) ou as duas em simultâneo, são chave fundamental para tornar credíveis os resultados obtidos.

Neste trabalho optou-se pela análise da qualidade dos dados através da concordância intra-observador, que foi verificada por intermédio da fórmula de Bellack *et al.* (1966), citado por Garganta (1997), que tem por base a relação percentual entre o número de acordos e desacordos registados.

$$\text{Índice de fiabilidade} = \text{N}^{\circ} \text{ de Acordos} / (\text{N}^{\circ} \text{ de Acordos} + \text{N}^{\circ} \text{ Desacordos}) * 100$$

As variáveis foram analisadas em quinze acções ofensivas com finalização de uma observação em dois momentos distintos, com uma semana de intervalo entre cada momento, obtendo-se os valores verificados na tabela 3.6.

Tabela 3.6. - Índices de fiabilidade das variáveis analisadas

Variáveis	Denominação	Índice de fiabilidade (%)
ZREC	Zona de Recuperação da Posse de Bola	98,9
TREC	Tipo de Recuperação da Posse de Bola	97,6
PA	Primeira Acção após a Recuperação da Posse de Bola	100
PrO	Profundidade Ofensiva	100
AO	Amplitude Ofensiva	100
PO	Participação Ofensiva	100
EO	Elaboração Ofensiva	100
NVC	Número de Variações de Corredor	99,3
UA	Última Acção antes da Finalização da Acção Ofensiva	100
ZFIN	Zona de Finalização	100
CJ-UCadv	Centro de Jogo no último contacto do adversário	94,2
CJ-ZREC	Centro de Jogo na Zona de Recuperação	91
CJ-ZFIN	Centro de Jogo na Zona de Finalização	87,5
MJO	Métodos de Jogo Ofensivo	92,6

3.5. Procedimentos estatísticos

Para a análise e caracterização das variáveis envolvidas neste estudo, foi apenas utilizado o método de estatística descritiva através de percentagem. Foi utilizado o programa estatístico *SPSS*.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. Análise Global

4.1.1. Transição Defesa-Ataque – Análise das variáveis

Zona de Recuperação da Posse de Bola (ZREC)

Observando a figura 4.1. podemos verificar que não existem zonas preferenciais de recuperação da posse de bola mas sim sectores e corredores. Deste modo, observámos no quadro que os sectores preferenciais de recuperação da posse de bola que originam AOCF são os SMD (39,8%) e SMO (36,6%). O SD (21,2%) é um sector com uma percentagem relevante de recuperações da posse de bola que originam AOCF, ao contrário do SO (2,4%) que tem uma percentagem de recuperações da posse de bola muito baixa. Quanto ao corredor predominante de recuperação da posse de bola constatámos que o corredor central (43,5%) é o mais frequente, essencialmente devido às zonas 2 (16,2%), 5 (13,5%) e 8 (13,1%). Embora os dados revelem uma predominância do corredor central para a recuperação da bola, verificamos também que os corredores laterais em conjunto representam 56,5% das recuperações de bola que originam AOCF.

Portanto, percebe-se uma tendência para as equipas recuperarem a bola na zona intermédia do campo (SMD e SMO) com alguma preponderância do corredor central.

Tabela 4.1. – Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZREC (Zona de Recuperação da Posse de Bola)

ZREC	#	%
Zona 1	6	2,0
Zona 2	48	16,2
Zona 3	9	3,0
Zona 4	46	15,5
Zona 5	40	13,5
Zona 6	32	10,8
Zona 7	34	11,4
Zona 8	39	13,1
Zona 9	36	12,1
Zona 10	3	1,0
Zona 11	2	0,7
Zona 12	2	0,7
Total	297	100,0

Figura 4.1. - Distribuição da recuperação da posse de bola por zonas, sectores e corredores

SD 21,2%	SMD 39,8%	SMO 36,6%	SO 2,4%	
Zona 1 2%	Zona 4 15,5%	Zona 7 11,4%	Zona 10 1%	CLE 29,9%
Zona 2 16,2%	Zona 5 13,5%	Zona 8 13,1%	Zona 11 0,7%	CC 43,5%
Zona 3 3%	Zona 6 10,8%	Zona 9 12,1%	Zona 12 0,7%	CLD 26,6%

Tipo de Recuperação da Posse de Bola (TREC)

Observando a tabela 4.2. percebemos que o tipo de recuperação mais frequente é a Intercepção (I). A recuperação por intercepção foi observada em 126 AOCF (42,4%) seguida da Interrupção Regulamentar a Favor (IRfav) que foi observada em 70 AOCF (23,6%).

Outro resultado em foco reside no facto de nas 297 AOCF, 224 (75,4%) serem precedidas de tipos de recuperação dinâmicas (Intercepção, Desarme, Erro Adversário e Recuperação do Guarda Redes).

Tabela 4.2. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável TREC (Tipo de Recuperação da Posse de Bola)

TREC	#	%
I	126	42,4
D	41	13,8
E adv	32	10,8
RECgr	25	8,4
IRfav	70	23,6
Gadv	0	0
O	3	1,0
Total	297	100,0

Primeira Acção após a Recuperação da Posse de Bola (PA)

Analisando a tabela 4.3. verificámos que as acções técnicas predominantes como primeira acção após a recuperação da posse de bola (PA) são o PaCMF (29,3%) e o PACML (28,3%).

De uma forma mais global percebemos também que o passe é a acção técnica mais frequente como PA (89,6%), sendo o passe de distância curta/média o predominante (81,5%). Outro ponto relevante nesta tabela reside no facto de independentemente da acção técnica (Passe ou Condução), são as acções técnicas com movimento para a frente (42,1%) e para o lado (30,3%) as mais frequentes na primeira acção após a recuperação da posse de bola que originam AOCF.

Tabela 4.3. – Estatística Descritiva (FA e %) da variável PA (Primeira Acção após a Recuperação da Posse de Bola)

PA	#	%
PaCMF	87	29,3
PaCMT	33	11,1
PaCML	84	28,3
PaCMO	38	12,8
PaLF	19	6,4
PaLT	0	0
PaLL	3	1,0
PaLO	2	0,7
CoCMF	18	6,1
CoCMT	1	0,3
CoCML	3	1,0
CoCMO	2	0,7
CoLF	1	0,3
CoLT	0	0,0
CoLL	0	0,0
CoLO	0	0,0
SPA	6	2,0
Total	297	100,0

Centro de Jogo no Último Contacto do Adversário (CJ-UCadv)

Antes da análise dos resultados desta variável, alerta para o facto de esta variável ser registada para a equipa que tem a posse de bola, neste caso, a equipa adversária e não a equipa observada.

Analisando a tabela 4.4., verificámos que no último contacto do adversário as situações de Inferioridade relativa (24,6%), Igualdade pressionada (17,8%) e Superioridade relativa (17,5%) no centro do jogo são as mais frequentes. Percebemos também pelos dados, que são as situações de pressão no centro de jogo (IFr, IFa e IGPr) as mais frequentes no último contacto do adversário (43,7%), essencialmente devido à

contribuição das situações de IFr e IGPr. Considerámos também o facto de ocorrerem reduzidas situações de Superioridade absoluta (2,4%) e Inferioridade absoluta (1,3%) no centro do jogo.

A categoria Sem Centro de Jogo (29%) é registada para acções em que não tem lógica registar nenhuma das categorias da variável centro de jogo.

Tabela 4.4. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-UCadv (Centro de Jogo no último contacto do adversário)

CJ-UCadv	#	%
IFr	73	24,6
IFa	4	1,3
IGPr	53	17,8
SPr	52	17,5
SPa	7	2,4
IGNPr	22	7,4
SCJ	86	29,0
Total	297	100,0

Centro de Jogo na Zona de Recuperação da Posse de Bola (CJ-ZREC)

Os resultados da tabela 4.5. mostram-nos claramente que são as situações de SPr (51,5%) as mais frequentes na zona de recuperação da posse de bola. Estes dados revelam um reduzido número de situações de pressão à equipa com posse de bola, dado que apenas 10,1% das AOCF resultam de situações de pressão na zona de recuperação da posse de bola (4,4% em IFr e 5,7% em IGPr). Também nesta variável verificam-se reduzidas situações de SPa (4,7%) e IFa (0%).

Tabela 4.5. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZREC (Centro de Jogo na Zona de Recuperação)

CJ-ZREC	#	%
IFr	13	4,4
IFa	0	0,0
IGPr	17	5,7
SPr	153	51,5
SPa	14	4,7
IGNPr	21	7,1
SCJ	79	26,6
Total	297	100,0

4.1.2. Fase Construção do Processo Ofensivo – Análise das variáveis

Profundidade Ofensiva (PrO)

A tabela 4.6. mostra-nos claramente que o tipo de profundidade predominante nas AOCF é a profundidade positiva (85,5%). A profundidade neutra foi verificada em 14,5% das AOCF. Observámos também que nenhuma das AOCF foi iniciada num sector mais próximo da baliza adversária e terminada num sector mais próximo da baliza da equipa observada (Profundidade Negativa).

Analisando os dados, também verificámos que nas AOCF os SREC-SFIN mais frequentes foram o 2-4 (34%) e 3-4 (24,6%).

Tabela 4.6. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PrO (Profundidade Ofensiva)

PrO	#	%
1-2	0	0
1-3	17	5,7
1-4	46	15,5
2-3	17	5,7
2-4	101	34,0
3-4	73	24,6
Neutra	43	14,5
Negativa	0	0
Total	297	100,0

Amplitude Ofensiva (AO)

Analisando a tabela 4.7. constatámos que a amplitude do tipo média é a mais frequente para a totalidade das AOCF, estando presente em 47,8% dessas acções. A amplitude do tipo máxima apresenta uma percentagem bastante significativa, sendo o segundo tipo de amplitude mais representada nas AOCF (37,7%). A amplitude mínima é o tipo de amplitude ofensiva menos representativa nas AOCF (14,5%).

Tabela 4.7. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável AO (Amplitude Ofensiva)

AO	#	%
Mínima	43	14,5
Média	142	47,8
Máxima	112	37,7
Total	297	100,0

Nº Variações de Corredor (NVC)

Analisando a tabela 4.8. constatámos que realizam-se mais AOCF quando o nº variações de corredor é superior a dois (35%). No entanto podemos perceber que uma variação de corredor (27,6%) e duas variações de corredor (22,6%) são também frequentes nas AOCF. As AOCF em que não existe variação de corredor representam 14,8% do total AOCF, sendo a categoria menos frequente.

Tabela 4.8. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável NVC (Número de Variações de Corredor)

NVC	#	%
Nunca	44	14,8
1 Variação	82	27,6
2 Variações	67	22,6
> 2 Variações	104	35
Total	297	100,0

Participação Ofensiva (PO)

Observando a tabela 4.9. verificámos que nas AOCF, 3 e 4 jogadores é o número de jogadores que com maior frequência participa nestas acções, representando 20,2% (3 jogadores) e 19,2% (4 jogadores) das AOCF. Estes dados também permitem-nos compreender que 68% das AOCF têm entre 3-6 participantes, revelando assim uma predisposição para realizar AOCF com um número médio de jogadores que participam nestas acções.

Tabela 4.9. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PO (Participação Ofensiva)

PO	#	%
1	8	2,7
2	30	10,1
3	60	20,2
4	59	19,9
5	44	14,8
6	41	13,8
7	25	8,4
8	15	5,1
9	10	3,4
10	5	1,7
Total	297	100,0

Elaboração Ofensiva (EO)

Analisando a tabela 4.10., referente à elaboração ofensiva (EO) ou nº passes efectuados por AOCF, verificámos que 45,5% das AOCF são antecedidas de > 4 passes, sendo a categoria mais frequente na análise da variável EO. A categoria ≤ 2 passes é a segunda mais frequente, estando presente em 29% das AOCF. Como categoria menos frequente estão as acções realizadas entre 3 – 4 passes (25,6%), embora a percentagem seja também relevante. A tabela também nos permite perceber que 54,6% das AOCF são realizadas com um número de passes ≤ 4 (somatório da categoria ≤ 2 passes e entre 3 – 4 passes).

Tabela 4.10. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável EO (Elaboração Ofensiva)

EO	#	%
≤ 2 Passes	86	29
3 – 4 Passes	76	25,6
>4 Passes	135	45,5
Total	297	100,0

Última Acção antes da Finalização da Acção Ofensiva (UA)

A tabela 4.11. mostra-nos que o cruzamento (18,9%), PaCML (15,2%), 1x1 (13,8%) e PaCMF (10,1%) são as acções técnicas mais frequentes como última acção antes da finalização da acção ofensiva. Outro dado relevante é o facto de serem as acções provenientes de um companheiro (61,9%), as mais frequentes como acção que precede a finalização, essencialmente devido à contribuição dos vários tipos de passe curto/médio (41,4%) e do cruzamento (18,9%). As acções provenientes do próprio finalizador que precedem a finalização apresentam também uma percentagem considerável (29,3%), devido sobretudo à contribuição das acções técnicas de 1x1 (13,8%) e de CoCMF (8,8%).

Tabela 4.11. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável UA (Última Acção antes da Finalização da Acção Ofensiva)

UA	#	%
PaCMF	30	10,1
PaCMT	25	8,4
PaCML	45	15,2
PaCMO	23	7,7
PaLF	1	0,3
PaLT	0	0
PaLL	2	0,7
PaLO	1	0,3
CoCMF	26	8,8
CoCMT	0	0
CoCML	9	3,0
CoCMO	5	1,7
CoLF	0	0
CoLT	0	0
CoLL	0	0
CoLO	1	0,3
Cruz	56	18,9
Rcomp	1	0,3
Rfinaliz	0	0
Rrec	5	1,7
1x1	41	13,8
Iadv	16	5,4
Igr-adv	8	2,7
O	2	0,7
Total	297	100,0

4.1.3. Fase de Finalização do Processo Ofensivo – Análise das variáveis

Centro de Jogo na Zona de Finalização (CJ-ZFIN)

Na zona de finalização podemos constatar um predomínio de situações de IGNPr (41,8%) e IFr (39,1%). Constatámos também uma percentagem relevante de situações de SPr (17,8%) na zona de finalização. Comparando situações de pressão (IFr, IFa, IGPr) com situações sem pressão (SPr, SPa, IGNPr) verificámos ser mais frequente situações sem pressão (59,6%) do que situações com pressão (40,4%). Também nesta variável o número de situações de SPa e IFa é muito reduzido.

Tabela 4.12. – Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZFIN (Centro de Jogo na Zona de Finalização)

CJ-ZFIN	#	%
IFr	116	39,1
IFa	4	1,3
IGPr	0	0
SPr	53	17,8
SPa	0	0
IGNPr	124	41,8
SCJ	0	0
Total	297	100,0

Zona de Finalização (ZFIN)

Observando a tabela 4.13. percebemos que as zonas de finalização preferenciais são dentro da grande área (DGA) e fora da grande área (FGA), representando respectivamente, 50,4% e 44,1% das AOCF. Notar também o reduzido número de AOCF que são finalizadas dentro da pequena área (5,4%).

Tabela 4.13. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZFIN (Zona de Finalização)

ZFIN	#	%
DPA	16	5,4
DGA	150	50,5
FGA	131	44,1
Total	297	100,0

4.1.4. Análise de outras variáveis

Métodos de Jogo Ofensivo (MJO)

Observando a tabela 4.14., podemos afirmar que o método de jogo mais utilizado nas AOCF é o Ataque rápido (AR) com 59,3% seguido pelo Ataque posicional (AP) com 30,3%. O contra-ataque é o método de jogo ofensivo menos frequente (10,4%).

Tabela 4.14. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável MJO (Métodos de Jogo Ofensivos)

MJO	#	%
CA	31	10,4
AR	176	59,3
AP	90	30,3
Total	297	100,0

4.2. Análise por nível de sucesso das equipas

4.2.1. Transição Defesa – Ataque – Análise das variáveis

Zona de Recuperação da Posse de Bola (ZREC)

A figura 4.2. demonstra que as ES e EI revelam as mesmas tendências demonstradas na análise global da variável analisada (ZREC), ou seja, verifica-se que os sectores preferenciais de recuperação são os SMD (38,9% para ES e 40,8% para EI) e SMO (33,9% para ES e 40,1% para EI), o corredor preferencial é o CC (41,3% para ES e 45,9% para EI), embora a soma dos dois corredores laterais revele uma percentagem bastante considerável (58,6% para ES e 54,2% para EI).

Analisando as principais diferenças entre ES e EI, verificámos que as ES revelaram uma maior capacidade para realizar AOCF a partir do SD do campo comparativamente com as EI (24,1% para ES e 17,8% para EI). As ES revelaram também uma maior capacidade de recuperação de posse de bola do que as EI no CLE, essencialmente devido à zona 4.

De outro modo, verificou-se uma maior capacidade para as EI recuperarem a posse de bola no SMO do que as ES (40,1% para as EI e 33,9% para as ES).

Tabela 4.15. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZREC por nível de sucesso das equipas

ZREC	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
Zona 1	4	2,5	2	1,5
Zona 2	28	17,3	20	14,8
Zona 3	7	4,3	2	1,5
Zona 4	29	17,9	17	12,6
Zona 5	18	11,1	22	16,3
Zona 6	16	9,9	16	11,9
Zona 7	18	11,1	16	11,9
Zona 8	20	12,3	19	14,1
Zona 9	17	10,5	19	14,1
Zona 10	2	1,2	1	0,7
Zona 11	1	0,6	1	0,7
Zona 12	2	1,2	0	0,0
Total	162	54,5	135	45,5

Figura 4.2. Distribuição da recuperação da posse de bola por zonas, sectores e corredores no camograma das Equipas de Sucesso (ES) e Equipas de Insucesso (EI)

Equipas de Sucesso (ES)

SD	SMD	SMO	SO	
24,1%	38,9%	33,9%	3%	
Zona 1	Zona 4	Zona 7	Zona 10	CLE
2,5%	17,9%	11,1%	1,2%	32,7%
Zona 2	Zona 5	Zona 8	Zona 11	CC
17,3%	11,1%	12,3%	0,6%	41,3%
Zona 3	Zona 6	Zona 9	Zona 12	CLD
4,3%	9,9%	10,5%	1,2%	25,9%

Equipas de Insucesso (EI)

SD	SMD	SMO	SO	
17,8%	40,8%	40,1%	1,4%	
Zona 1	Zona 4	Zona 7	Zona 10	CLE
1,5%	12,6%	11,9%	0,7%	26,7%
Zona 2	Zona 5	Zona 8	Zona 11	CC
14,8%	16,3%	14,1%	0,7%	45,9%
Zona 3	Zona 6	Zona 9	Zona 12	CLD
1,5%	11,9%	14,1%	0,0%	27,5%

Tipo de Recuperação da Posse de Bola (TREC)

A tabela 4.16. mostra-nos que tanto para as ES como EI, o tipo de Recuperação mais frequente é a *I*. Verifica-se uma percentagem de recuperação por *I* de 45,1% para as ES e 39,3% para as EI. Verifica-se também uma predominância da recuperação por acções dinâmicas tanto em ES como em EI (78,5% e 72% respectivamente).

Analisando as principais diferenças, percebemos que a percentagem de *I* nas ES (45,1%) é superior à percentagem nas EI (39,3%). Pelo contrário, verificámos que as EI revelam uma maior percentagem de recuperações por IRfav comparativamente às ES (EI – 25,9%, ES – 21,6%). São estas diferenças que explicam uma ligeira tendência para as ES apresentarem uma percentagem de recuperações por acções dinâmicas superior às EI.

Tabela 4.16. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável TREC por nível de sucesso das equipas

TREC	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
I	73	45,1	53	39,3
D	22	13,6	19	14,1
E adv	16	9,9	16	11,9
RECgr	16	9,9	9	6,7
IRfav	35	21,6	35	25,9
Gadv	0	0	0	0
O	0	0	3	2,2

Primeira Acção após a Recuperação da Posse de Bola (PA)

A tabela 4.17. mostra-nos que tanto as ES como as EI revelam a mesma tendência que a análise global da PA, isto é, nas ES as acções técnicas mais frequentes como PA são o PaCMF (30,2%) e o PaCML (29%) e nas EI verifica-se exactamente o mesmo, com PaCMF (28,1%) e PaCML (27,4%) a serem as acções técnicas predominantes.

Outro dado que podemos constatar é que tanto em ES como em EI, o passe a distância curta/média é sem dúvida o mais frequente como PA, contribuindo respectivamente com 80,2% nas ES e 82,9% nas EI. Tal como ficou demonstrado na análise global desta variável, são também as acções técnicas com movimento para a frente e para o lado que predominam tanto em ES como em EI. Nas ES, as acções com movimento para a frente e para o lado contribuem com respectivamente, 44,4% e 29,6%, enquanto nas EI essas acções contribuem com respectivamente, 39,2% e 31,1%. Estes últimos resultados permitem perceber uma ligeira tendência para as ES procurarem mais as acções técnicas com movimentos verticais do que as EI, como PA. Pelo contrário as EI têm uma ligeira tendência para realizar acções técnicas mais em largura (para o lado) comparativamente às ES, como PA.

Tabela 4.17. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PA por nível de sucesso das equipas

PA	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
PaCMF	49	30,2	38	28,1
PaCMT	16	9,9	17	12,6
PaCML	47	29,0	37	27,4
PaCMO	18	11,1	20	14,8
PaLF	11	6,8	8	5,9
PaLT	0	0	0	0
PaLL	1	0,6	2	1,5
PaLO	2	1,2	0	0
CoCMF	11	6,8	7	5,2
CoCMT	1	0,6	0	0
CoCML	0	0	3	2,2
CoCMO	1	0,6	1	0,7
CoLF	1	0,6	0	0
CoLT	0	0	0	0
CoLL	0	0	0	0
CoLO	0	0	0	0
SPA	4	2,5	2	1,5

Centro de Jogo no Último Contacto do Adversário (CJ-UCadv)

Na análise do CJ-UCadv através da tabela 4.18., percebemos que na zona onde é realizado o último contacto do adversário, as situações de IFr para a equipa adversária são as mais frequentemente utilizadas, tanto para ES como para EI. No entanto podemos verificar que a percentagem de situações de IFr é superior nas ES (27,2%) do que nas EI (21,5%). Constatámos também que nas zonas de último contacto do adversário, as situações de pressão (IFr, IFa, IGPr) são mais frequentes do que as situações sem pressão (SPr, SPa, IGNPr), tanto em ES (44,5% - com pressão, 29,1% - sem pressão) como em EI (43% - com pressão, 25,1% - sem pressão). Outro ponto importante verificado nos dados é a reduzida percentagem de situações de IFa ou SPa tanto em ES como EI.

Tabela 4.18. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-UCadv por nível de sucesso das equipas

CJ-UCadv	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
IFr	44	27,2	29	21,5
IFa	0	0	4	3,0
IGPr	28	17,3	25	18,5
SPr	27	16,7	25	18,5
SPa	4	2,5	3	2,2
IGNPr	16	9,9	6	4,4
SCJ	43	26,5	43	31,9

Centro de Jogo na Zona de Recuperação da Posse de Bola (CJ-ZREC)

Estes dados revelam que as situações de SPr na zona de recuperação são sem dúvida as mais predominantes, tanto em ES (54,9%) como em EI (47,4%).

Olhando às principais diferenças entre ES e EI, são essencialmente as situações de SPr (ES – 54,9%, EI – 47,4%) e a categoria SCJ (ES – 22,8%, EI – 31,1%) que apresentam maiores diferenças.

Tabela 4.19. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZREC por nível de sucesso das equipas

CJ-ZREC	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
IFr	7	4,3	6	4,4
IFa	0	0	0	0
IGPr	8	4,9	9	6,7
SPr	89	54,9	64	47,4
SPa	8	4,9	6	4,4
IGNPr	13	8	8	5,9
SCJ	37	22,8	42	31,1

4.2.2. Fase Construção do Processo Ofensivo – Análise das variáveis

Profundidade Ofensiva (PrO)

A tabela 4.20. mostra-nos que a profundidade ofensiva positiva (PrO+) é de forma inequívoca, o tipo de profundidade mais frequente em ES e EI, revelando uma percentagem de 85,8% e 85,2% respectivamente.

Analisando a tabela 4.20., verificámos que tanto as ES como EI revelam uma maior propensão para iniciar as AOCF no sector 2 ou médio-defensivo e terminar no sector 4 ou ofensivo. Este SREC-SFIN apresenta percentagens de 35,2% e 32,6 para as equipas de ES e EI, respectivamente. O SREC-SFIN 3-4 apresenta também resultados relevantes, tanto para as ES (22,8%) como para as EI (26,7).

Nesta tabela ainda podemos verificar que as ES revelam uma maior capacidade para realizar AOCF iniciando no sector 1 ou defensivo e terminando no sector 4 ou ofensivo comparativamente com as EI (18,5% para ES e 11,9% para EI).

Tabela 4.20. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PrO por nível de sucesso das equipas

PrO	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
1-2	0	0	0	0
1-3	9	5,6	8	5,9
1-4	30	18,5	16	11,9
2-3	6	3,7	11	8,1
2-4	57	35,2	44	32,6
3-4	37	22,8	36	26,7
Neutra	23	14,2	20	14,8
Negativa	0	0	0	0

Amplitude Ofensiva (AO)

De acordo com a tabela 4.21., verificámos que o tipo de AO mais frequente é a amplitude média, tanto para as ES (46,9%) como para as EI (48,9%), embora a percentagem de AOCF por amplitude máxima seja também bastante considerável. Outros dados importantes, são o facto de as AOCF por amplitude mínima serem mais frequentes nas EI (17%) do que nas ES (12,3%), enquanto as AOCF por amplitude máxima apresentam resultados inversos, isto é, as ES realizam uma percentagem superior de AOCF por amplitude máxima comparativamente às EI (ES – 40,7%, EI – 34,1%).

Tabela 4.21. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável AO por nível de sucesso das equipas

AO	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
Mínima	20	12,3	23	17,0
Média	76	46,9	66	48,9
Máxima	66	40,7	46	34,1

Nº Variações de Corredor (NVC)

A tabela 4.22. mostra-nos que tanto as ES como as EI revelam maior frequência nas variações de corredor superior a 2 (ES – 38,3%, EI – 31,1%) nas suas AOCF, embora nas EI a percentagem de AOCF conseguidas apenas com uma variação de corredor seja também muito frequente (28,9%). Tal como na análise global, verificámos que 1 variação e 2 variações de corredor em conjunto, apresentam uma percentagem bastante relevante tanto em ES (48,7%) como em EI (51,9%).

Analisando as principais diferenças entre ES e EI, os dados revelam que as ES apresentam uma percentagem superior às EI quando as AOCF compreendem mais de duas variações de corredor (ES – 38,3%, EI – 31,1%). Em sentido inverso, verifica-se que as EI apresentam uma percentagem ligeiramente superior comparativamente às ES quando não existem variações de corredor nas suas AOCF (EI – 17%, ES – 13%)

Tabela 4.22. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável NVC por nível de sucesso das equipas

NVC	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
Nunca	21	13	23	17
1 Variação	43	26,5	39	28,9
2 Variações	36	22,2	31	23
> 2 Variações	62	38,3	42	31,1

Participação Ofensiva (PO)

A tabela 4.23. revela-nos as mesmas tendências quanto ao nº participantes na AOCF referidas na análise global, tanto em ES como em EI, isto é, as acções mais frequentes são aquelas em que participam 3 jogadores (ES – 20,4%, EI – 20%) e 4 jogadores (ES – 18,5%, EI – 21,5%).

As AOCF com nº de participantes entre 3-6 jogadores compõem a percentagem maioritária tanto em ES (64,8%) como em EI (73,3%), no entanto verifica-se uma percentagem superior nas EI comparativamente com as ES. Já as ES revelam uma maior percentagem de acções comparativamente com as EI quando o número de participantes é elevado (7, 8, 9 e 10 jogadores).

Tabela 4.23. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável PO por nível de sucesso das equipas

PO	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
1	4	2,5	4	3,0
2	16	9,9	14	10,4
3	33	20,4	27	20
4	30	18,5	29	21,5
5	24	14,8	20	14,8
6	18	11,1	23	17
7	16	9,9	9	6,7
8	10	6,2	5	3,7
9	7	4,3	3	2,2
10	4	2,5	1	0,7

Elaboração Ofensiva (EO)

A tabela 4.24. mostra que ambos os tipos de equipas (ES e EI) optam preferencialmente pela realização de > 4 passes nas suas AOCF (ES – 45,7%, EI – 45,2%). As AOCF precedidas de ≤ 2 passes e entre 3 – 4 passes revelam também uma

percentagem relevante tanto nas ES (≤ 2 passes – 27,8%, 3 – 4 passes – 26,5%) como em EI (≤ 2 passes – 30,4%, 3 – 4 passes – 24,4%).

Tabela 4.24. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável EO por nível de sucesso das equipas

EO	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
≤ 2 Passes	45	27,8	41	30,4
3 – 4 Passes	43	26,5	33	24,4
>4 Passes	74	45,7	61	45,2

Última Acção antes da Finalização da Acção Ofensiva (UA)

Observando a tabela 4.25., verificámos que as acções técnicas mais frequentes nas ES são o 1x1 (17,9%), cruzamento (17,9%) e o PaCML (17,3%) enquanto nas EI a acção técnica mais frequente como UA é o cruzamento (20%).

Tanto as ES como as EI utilizam preferencialmente, como UA antes da finalização, acções técnicas provenientes de um companheiro (ES – 61,1% e EI – 62,8%).

A tabela mostra-nos também algumas diferenças entre ES e EI. Uma das acções mais diferenciadoras é o 1x1 em que as ES apresentam uma percentagem superior comparativamente com as EI (ES – 17,9%, EI – 8,9%). As acções de condução curta/média são também acções diferenciadoras das ES e EI, com uma frequência superior nas equipas de EI (EI – 17,8%, ES – 9,9%).

Tabela 4.25. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável UA por nível de sucesso das equipas

UA	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
PaCMF	15	9,3	15	11,1
PaCMT	14	8,6	11	8,1
PaCML	28	17,3	17	12,6
PaCMO	10	6,2	13	9,6
PaLF	0	0	1	0,7
PaLT	0	0	0	0
PaLL	1	0,6	1	0,7
PaLO	1	0,6	0	0
CoCMF	10	6,2	16	11,9
CoCMT	0	0	0	0
CoCML	2	1,2	7	5,2
CoCMO	4	2,5	1	0,7
CoLF	0	0	0	0

CoLT	0	0	0	0
CoLL	0	0	0	0
CoLO	1	0,6	0	0
Cruz	29	17,9	27	20
Rcomp	1	0,6	0	0
Rfinaliz	0	0	0	0
Rrec	3	1,9	2	1,5
1x1	29	17,9	12	8,9
Iadv	9	5,6	7	5,2
Igr-adv	3	1,9	5	3,7
O	2	1,2	0	0

4.2.3. Fase de Finalização do Processo Ofensivo – Análise das variáveis

Centro de Jogo na Zona de Finalização (CJ-ZFIN)

Observando a tabela 4.26, é possível verificar que as situações no centro do jogo em zona de finalização mais frequentes são a IGNPr e IFr, tanto para ES (IGNPr – 41,4%, IFr – 37,7%) como para EI (IGNPr – 42,2%, IFr – 40,7%). Nesta variável não existem diferenças relevantes entre ES e EI.

Tabela 4.26. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável CJ-ZFIN por nível de sucesso das equipas

CJ-ZFIN	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
IFr	61	37,7	55	40,7
IFa	4	2,5	0	0
IGPr	0	0	0	0
SPr	30	18,5	23	17
SPa	0	0	0	0
IGNPr	67	41,4	57	42,2
SCJ	0	0	0	0

Zona de Finalização (ZFIN)

A tabela 4.27. mostra-nos uma predominância para a finalização das AOCF dentro da grande área (DGA) e fora da grande área (FGA) tanto em ES como em EI. No entanto, verifica-se que as ES apresentam uma percentagem de finalizações DGA superior às EI (ES – 53,1%, EI – 47,4%), enquanto para as finalizações FGA os dados revelam o contrário, sendo as EI (47,4%) a apresentar superioridade comparativamente com as ES (41,4%).

Tabela 4.27. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável ZFIN por nível de sucesso das equipas

ZFIN	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
DPA	9	5,6	7	5,2
DGA	86	53,1	64	47,4
FGA	67	41,4	64	47,4

4.2.4. Análise de outras variáveis

Métodos de Jogo Ofensivo (MJO)

Tanto para as ES como para as EI, o MJO mais utilizado nas AOCF é o ataque rápido (AR), com 57,4% e 61,5% respectivamente. As diferenças entre ES e EI são muito redutoras.

Tabela 4.28. - Estatística Descritiva (FA e %) da variável MJO por nível de sucesso das equipas

MJO	Equipas Sucesso (ES)		Equipas Insucesso (EI)	
	#	%	#	%
CA	18	11,1	13	9,6
AR	93	57,4	83	61,5
AP	51	31,5	39	28,9

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Característica do momento transição defesa – ataque nas AOCF

A transição defesa – ataque é um momento de jogo que assume cada vez mais, uma importância enorme no sucesso da fase seguinte: a fase de ataque ou processo ofensivo. E o sucesso do processo ofensivo significa terminar qualquer acção ofensiva com finalização, se possível com finalização positiva.

Identificar quais as características principais que assume a transição defesa – ataque, a qual resulta na finalização do processo ofensivo, foi um dos nossos objectivos para este estudo. Com este propósito analisámos um conjunto de variáveis que considerámos pertinentes, tais como: a zona de recuperação da posse de bola, o tipo de recuperação, a primeira acção após a recuperação e as relações de cooperação – oposição no centro de jogo no último contacto do adversário e no momento exacto de recuperação da posse de bola.

Este estudo, analisando particularmente a variável *zona de recuperação da posse de bola*, parece revelar-nos a não existência de zonas predominantes de recuperação da posse de bola, já que verifica-se uma certa homogeneização. No entanto, parece haver uma tendência para a recuperação da posse de bola nos sectores intermédios do campo [Sector Médio Defensivo (39,8%) e Sector Médio Ofensivo (36,6%)]. Constatámos também o facto de quando a bola é recuperada no sector defensivo, ela ser recuperada excessivamente no corredor central (16,2%) e raramente nos corredores laterais (2% no Corredor Lateral Esquerdo e 3% no Corredor Lateral Direito). Outro facto constatado é a reduzida percentagem de recuperações no sector ofensivo (2,4%). Relativamente à análise dos corredores preferenciais de recuperação da posse de bola, verifica-se uma predominância do corredor central (43,5%) comparativamente aos restantes corredores, esquerdo (29,9%) e direito (26,6%), no entanto, analisando os valores numa perspectiva única de corredor lateral, verificámos um equilíbrio nas percentagens entre corredor central e corredores laterais, reflectindo assim uma enorme variabilidade nos corredores preferenciais de recuperação da posse de bola. Assim, nesta competição, as zonas de recuperação da posse da bola para as *acções ofensivas com finalização resultantes de*

jogo dinâmico parecem caracterizar-se por uma frequência de recuperação superior nos sectores intermédios e na zona central do sector defensivo, estando de acordo com os estudos de Ribeiro (2003) e Reis (2004).

Os dados relativos ao *tipo de recuperação da posse de bola* mostraram-nos uma frequência de recuperações por *intercepção* (42,4%) muito superior a qualquer dos outros tipos de recuperação. Esta afirmação parece revelar uma propensão para as acções ofensivas com finalização serem precedidas de um tipo de recuperação activa, isto é, a intercepção pressupõe sempre uma leitura de jogo eficaz para cortar uma determinada linha de passe do adversário e assim agir eficazmente ao passe ou ao remate do adversário, atacando o espaço correcto e no *timing* ideal. Este dado vai de encontro com os estudos mencionados na revisão de literatura como os casos de Garganta (1997) que refere a intercepção como a forma mais vantajosa de garantir a eficácia do processo ofensivo. Outro resultado relevante é a percentagem de recuperações por acções dinâmicas, representando 75,4% das acções ofensivas com finalização resultantes de jogo dinâmico. Este valor parece dar razão à afirmação de Garganta (1997) que refere a importância da recuperação da posse de bola por acções dinâmicas, que garantam a continuidade sem interrupções do processo ofensivo de forma a criar desequilíbrios na organização defensiva da equipa adversária.

A análise da *primeira acção após a recuperação da posse de bola* é uma variável que permite-nos evidenciar quais os meios técnicos recomendados para que o momento seguinte ao ganho da posse de bola obtenha sucesso, e por consequência dar origem a uma acção ofensiva com finalização. Deste modo, os dados revelam claramente uma predominância do passe (89,6%) em detrimento da condução (8,4%), no qual também percebemos que as características predominantes do passe são o passe a curta/média distância (81,5%). Verificámos também que dentro deste tipo de passes (curto/médio) estão situados o *passe curto/médio para a frente* (29,3%) e *passe curto médio para o lado* (28,3%), que neste estudo foram as categorias mais representadas. De salientar também que independentemente da acção técnica (passe ou condução), são as acções com movimento para a frente (42,1%) e para o lado (30,3%) as mais frequentes. Os resultados estão de acordo com parte da bibliografia consultada (Mendes, 2002; Reis, 2004; Silva, 2007) mas em desacordo com Hughes & Franks (2005), que analisaram jogos dos Campeonatos do Mundo de 1990 e 1994, e evidenciaram a predominância do

passado longo em detrimento do passe curto como primeira acção após a recuperação nas acções ofensivas finalizadas. Estes dados parecem revelar uma importante mudança no futebol actual, que reside na opção por um momento de transição defesa – ataque através de uma acção técnica mais segura, o passe curto, garantindo a continuidade do processo ofensivo, ao invés de uma opção que não garante a continuidade do processo ofensivo, o passe longo, uma vez que são acções com maior probabilidade de perda da posse de bola. No entanto, parece claro que para haver finalização do processo ofensivo, há a necessidade de assumir algum risco na primeira acção após a recuperação, através dos chamados «passes verticais» de forma a desestabilizar logo num primeiro momento a equipa adversária, já que parece-nos que no futebol actual, o passe entre sectores de uma equipa é das acções que maior desequilíbrio provoca na organização defensiva das equipas.

A variável *Centro do Jogo* foi uma das variáveis analisadas para caracterizar o momento de transição defesa – ataque. Deste modo procurámos perceber as relações de cooperação – oposição na zona onde se encontra o portador da bola, no momento anterior à recuperação da posse de bola (último contacto do adversário) e no momento imediatamente posterior à recuperação da posse de bola (zona de recuperação).

Os dados revelaram-nos que na zona do último contacto do adversário as categorias com pressão (43,7%) são mais frequentes que as categorias sem pressão (27,3%), essencialmente devido à frequência das situações de *inferioridade relativa* (24,6%) e *igualdade pressionada* (17,8%), que depois da categoria *sem centro de jogo* foram as categorias mais frequentes. Na análise da variável *centro de jogo na zona de recuperação* constatámos claramente uma tendência para a ocorrência de situações sem pressão (63,3%) em que as situações de *superioridade relativa* representam grande parte deste grupo (51,5%). As situações de pressão são muito reduzidas nesta variável, representando somente 10,1% das acções ofensivas. Um dado relevante na análise das duas variáveis consistiu na reduzida percentagem de acções ofensivas com finalização quando verificámos situações de *superioridade absoluta* e *inferioridade absoluta*.

Estes dados sugerem a ideia de aumentar a pressão na zona da bola quando a equipa adversária está em posse de bola, através de uma superioridade relativa da equipa que procura recuperar a posse de bola, de forma a aumentar o constrangimento

espacial nessa zona e dificultar a tomada de decisão do portador da bola, aumentando assim as probabilidades deste errar, perdendo a bola nessa zona ou possibilitando a recuperação da bola noutras zonas. Na zona de recuperação da bola a equipa em posse de bola procura garantir a superioridade numérica relativa de forma a tirar mais facilmente a bola da zona de pressão e assim garantir a continuidade do processo ofensivo. Este dado parece também ir ao encontro dos resultados obtidos na análise da variável *primeira acção após a recuperação*, isto é, o facto de ocorrerem frequentemente situações de superioridade relativa na zona da bola permite à equipa em posse de bola ultrapassar a pressão do adversário a partir de um passe curto/médio.

Discutidas as variáveis que considerámos pertinentes à análise do momento de transição defesa – ataque das *acções ofensivas com finalização resultantes de jogo dinâmico*, sugerimos a seguinte caracterização deste momento de transição:

- Não existem zonas predominantes de recuperação da posse de bola que nos garantam com maior probabilidade a realização de acções ofensivas com finalização. Percebe-se sim, uma maior tendência de recuperação nos sectores médio defensivo e médio ofensivo, o que nos parece natural devido ao elevado tempo de posse de bola que em geral permanece nesses sectores. Percebe-se também a reduzida frequência de acções ofensivas recuperadas no sector ofensivo, já que as equipas em posse de bola não arriscam a sua perda no seu sector defensivo, e mesmo quando pressionadas nesse sector jogam de forma mais directa, possibilitando a sua perda em sectores menos perigosos. Neste estudo parece que a zona de recuperação da posse de bola não é uma variável que nos dê indicações claras do espaço que devemos ocupar no momento da recuperação da posse de bola para nos garantir maiores probabilidades de realizar acções ofensivas com finalização.
- Existem determinados princípios de acção dos jogadores e das equipas que parecem ter uma relação positiva com o finalizar da acção ofensiva. Desde logo destacámos como princípios importantes a capacidade de garantir inferioridade numérica relativa da equipa adversária no centro do jogo no último contacto do adversário e a capacidade para garantir superioridade numérica relativa na zona de recuperação da posse de bola. Acreditamos por

isso que a acção no centro de jogo é fundamental para garantir um bom momento de transição e assim possibilitar as acções ofensivas com finalização.

- O momento de transição depende da forma como se recupera a posse de bola. Percebemos por este estudo que uma recuperação mais activa e menos na expectativa como a intercepção parece influenciar positivamente o momento de transição e por consequência aumentar as probabilidades de realizar acções ofensivas com finalização. Constatámos também que as acções ofensivas resultantes de jogo dinâmico parecem ser mais susceptíveis de acontecerem quando a recuperação é conseguida por meio de acções dinâmicas como a intercepção ou o desarme, já que este tipo de recuperações poderá possibilitar o aproveitamento de um posicionamento defensivo desequilibrado da equipa adversária por parte da equipa que realiza a acção ofensiva.
- As acções ofensivas com finalização dependem muito da forma como é definida a primeira acção após a recuperação. Percebe-se que existe a necessidade de assumir um certo risco nesta primeira acção mas não um risco exagerado. Por isso, a primeira acção que com maior probabilidade poderá originar acções com finalização parece caracterizar-se por uma acção técnica de passe, de distâncias curtas/médias para a frente ou para o lado. Isto indicamos que o objectivo da primeira acção é retirar a bola da zona de pressão com um risco consciente, pensado, não retirando a bola da pressão de forma descontextualizada daquilo que se fará a seguir.

5.2. Características da fase de construção do processo ofensivo nas AOCF

A fase de desenvolvimento do ataque ou fase de construção pressupõe a criação correcta de um conjunto de acções e a ocupação correcta do espaço de jogo de forma a originar oportunidades de golo. Deste modo acreditamos na pertinência da análise de variáveis que nos façam perceber: que forma de ocupação espacial tanto transversalmente como longitudinalmente garante mais eficazmente o sucesso desta fase; o envolvimento dos jogadores; o número e o tipo de acções que ocorrem nesta fase.

Amplitude ofensiva, profundidade ofensiva e o número de variações de corredor foram variáveis analisadas neste estudo essencialmente para tentar entender a circulação da bola no espaço de jogo. Deste modo, na análise do espaço no sentido transversal (amplitude ofensiva), o estudo revela a necessidade de uma circulação em pelo menos dois corredores, visto que os resultados demonstram que 47,8% das acções ofensivas com finalização resultantes de jogo dinâmico são realizadas ocupando dois corredores (amplitude média) e 37,7% ocupando todos os corredores (amplitude máxima), o que revela um total de 85,5% das acções ofensivas realizadas por *amplitude média* e *máxima*. Relativamente à análise das acções ofensivas no sentido longitudinal do terreno de jogo, constata-se uma clara predominância da *profundidade positiva* (85,5%) o que é perfeitamente normal tendo em conta que as finalizações dão-se frequentemente em zonas próximas da baliza adversária e as zonas de recuperação, como vimos, situam-se em sectores intermédios. Percebe-se também a ideia de as acções ofensivas com finalização terminarem no sector ofensivo independentemente do sector de recuperação, já que 74,1% destas terminam no sector ofensivo. A *profundidade neutra* está presente nas AOCF mas em número muito reduzido enquanto a *profundidade negativa* nunca esteve presente neste estudo, revelando assim a necessidade de variações de sectores no sentido da baliza adversária.

A variável *número de variações de corredor* permitiu revelar que as acções ofensivas com finalização são muito mais frequentes quando existem variações de corredor, obtendo uma percentagem de 85,2%. Outro aspecto interessante é a percentagem de acções ofensivas realizadas com nº de variações maior que dois (35%). Estudos como o de Costa (2005) ou Garganta (1997) confirmam a variação de corredor como um indicador da eficácia no processo ofensivo, no entanto este estudo revela uma ligeira superioridade do número de acções ofensivas com finalização precedidas de um nº de variações superior a dois, comparativamente ao número de acções ofensivas precedidas por uma ou duas variações, contradizendo uma das conclusões de Costa (2005), que revela maior número de acções com finalização precedidas de uma ou duas variações do que com mais de duas variações. Pensamos que estes dados aconteceram devido à necessidade de cada vez mais as equipas terem de ultrapassar um processo defensivo bem organizado e bastante concentrado no centro de jogo obrigando assim as

equipas em posse de bola a variarem muito o centro do jogo de forma a criar espaços que possibilitem a progressão e o desequilíbrio da organização defensiva do adversário.

O envolvimento dos jogadores nas acções ofensivas foi outro dos aspectos que analisámos. Desta forma estudámos o número de participantes activos (que tocaram na bola) na acção ofensiva com finalização. Percebemos que as acções com 3 e 4 intervenientes foram as categorias mais representadas, com percentagens de 20,2% e 19,9% respectivamente. Estes dados vão ao encontro das conclusões de Matos (2006). No entanto, o estudo realizado revela que de 3 até 6 intervenientes na acção apresentam percentagens relevantes, o que leva a uma maior variabilidade no número de intervenientes e consequentemente uma maior ocupação do espaço de jogo, indo assim ao encontro da análise às variáveis anteriores.

O número e o tipo de acções são sempre variáveis pertinentes de analisar quando falamos em fase de construção da acção ofensiva. Neste caso procurámos quantificar o número de passes, já que o passe é o factor técnico fundamental na construção de jogo, e qual a última acção que provoca com maior probabilidade a finalização do processo ofensivo. Quanto ao número de passes percebe-se a predominância de acções com finalização quando o número de passes é superior a quatro (45,5%), contradizendo estudos anteriores como Mombaerts (2000) ao concluir que um número de passes entre 1-4 é um indicador de eficácia ofensiva. No entanto podemos constatar que as percentagens de acções, menor ou igual a 2 passes e entre 3 e 4 passes revelaram-se percentagens relevantes. O que parece extrair-se destes dados é uma possível modificação no tempo desta variável, havendo no futebol actual uma maior capacidade para ter a bola e também uma maior dificuldade para realizar acções individuais ou com poucos jogadores, devido ao aumento do constrangimento espacial e temporal no centro de jogo obrigando as equipas em posse de bola a procurar outras zonas de forma a desorganizar a defesa adversária. No entanto, também acreditamos que uma maior variabilidade no número de passes por acção ofensiva possa ser uma boa forma de aumentar a eficácia do processo ofensivo.

A análise da *última acção antes da finalização* demonstrou predomínio do *cruzamento* (18,9%), *passe curto/médio para o lado* (15,2%), *um contra um* (13,8%) e do *passe curto/médio para a frente* (10,1%) como acções técnicas que garantem com

maior probabilidade a finalização da acção ofensiva. Estes dados são sobreponíveis aos apresentados por Carling *et al.* (2005) que verificaram que o cruzamento, o passe e o drible são as acções que com maior frequência precedem a finalização. Os nossos resultados revelaram também que as ultimas acções provenientes de companheiros são as mais frequentes, representando 61,9% das acções com finalização. Portanto afigura-se importante assumir acções de risco no último momento da fase de construção como o cruzamento, o passe ou situações de 1x1, destabilizando assim a defesa contrária e provocando a finalização do processo ofensivo. Acreditamos também que o processo ofensivo torna-se mais eficaz quando a última acção parte da iniciativa de um companheiro.

Analisadas e discutidas as variáveis da fase de construção de jogo, sugerimos a seguinte caracterização:

- Na fase de construção, denota-se a ocorrência de uma circulação de bola em largura (amplitude ofensiva) no terreno de jogo com alternâncias do centro de jogo (variações de corredor), procurando predominantemente a finalização no sector ofensivo (profundidade ofensiva) como forma de realizar as acções ofensivas com finalização. Acreditamos, assim, num estilo de jogo amplo nesta fase, de forma a tornar mais difícil o encurtamento de espaços das equipas adversárias, com frequentes variações de corredores modificando constantemente o centro do jogo para abrir espaços na organização defensiva adversária, de forma a conseguir uma profundidade positiva que acabe preferencialmente no sector ofensivo.
- As acções com finalização resultantes de jogo dinâmico parecem ser mais frequentes quando existe um número de intervenientes na acção médio, entre 3 e 6 jogadores, o que revela que a variabilidade no número de participantes na acção pode ser uma causa de sucesso das acções ofensivas. Um número de intervenientes baixo (1-2 atletas) ou um número de intervenientes alto (>7 atletas) não se mostra uma boa forma de organização desta fase para obter sucesso na fase de finalização.
- Parece-nos que uma fase de construção do processo ofensivo com maior número de passes (>4 passes) pode ser um pressuposto interessante para

conseguir realizar acções com finalização, embora a variabilidade no número de passes possa também ser uma causa positiva para a realização destas. Admitimos que esta afirmação se deve a organizações ofensivas cada vez mais inteligentes, tomando decisões de acordo com o momento em que se encontram, procurando sempre o erro defensivo. O aumento do número de passes desta fase parece também revelar uma preocupação das equipas em destabilizar emocionalmente as equipas adversárias, que tentam concentrar-se ao máximo na sua organização defensiva, de forma a provocar erros de posicionamento e assim mais facilmente originar a finalização.

- No último momento da fase de construção parece existir a necessidade de correr alguns riscos, optando por acções técnicas que aumentam o risco de perda de bola, como o cruzamento ou o drible ou mesmo o passe para a frente em ruptura.

5.3. Características da fase de finalização do processo ofensivo nas AOCF

A fase de finalização é a última fase do processo ofensivo, isto é, é a fase em que ocorre a finalização do processo ofensivo através de uma acção técnica denominada remate. Analisar a zona de finalização e que relação de cooperação – oposição se verifica na zona de finalização parecem revelar-se pertinentes para caracterizar a fase de finalização.

Quando analisámos a variável *zona de finalização* constatámos que a maioria das acções ofensivas é finalizada *dentro da grande área e fora da grande área*, representando 50,5% e 44,1%, respectivamente. O facto de a zona de grande área ser a mais predominante na finalização foi verificado nos estudos de Lopez (2002) e Yannakos & Armatas (2006) descritos na revisão de literatura. Contudo, podemos perceber que nesses estudos, a finalização na pequena área foi mais frequente do que fora da grande área, ao contrário do revelado no nosso estudo. Este dado conduz-nos a uma percepção de que nesta competição houveram maiores dificuldades de entrada *dentro da pequena área*, talvez devido ao facto de acção do guarda-redes nessa zona ser cada vez mais eficaz e também pelo facto de as equipas adversárias procurarem uma

organização defensiva concentrada no centro de jogo e o mais afastada possível da baliza, o que leva à diminuição do número de finalizações dentro da pequena área. Silva (2007) verificou esta afirmação com resultados ainda mais relevantes desta dificuldade na finalização próxima da baliza, ao referir uma diminuição da percentagem de sequências ofensivas finalizadas à medida que nos aproximamos do alvo.

Analisando o *centro do jogo na zona de finalização*, percebeu-se que as situações de *igualdade não pressionada* e de *inferioridade relativa* são as mais frequentes. Este dado parece-nos revelar que nesta competição a equipa que finaliza consegue fazê-lo mesmo em acções de inferioridade numérica, conseguindo ocupar o espaço pretendido para a finalização. Outro dado relevante é a percentagem superior de finalizações na zona de finalização sem pressão (59,6%) comparativamente com situações com pressão (40,4%), devido essencialmente à percentagem de acções ofensivas finalizadas em *superioridade relativa* (17,8%) e à impossibilidade de existirem situações de *igualdade pressionada* nestas zonas. Acreditamos que este resultado permite entender que a procura pela superioridade numérica na zona de finalização é um possível indicador de efectividade na finalização.

Apresentadas e discutidas as variáveis, sugerimos a seguinte caracterização da zona de finalização:

- Existe cada vez mais dificuldade para finalizar em zonas muito próximas da baliza, como revela a reduzida percentagem de acções com finalização dentro da pequena área. Percebe-se que uma boa capacidade de actuação no centro de jogo parece revelar-se determinante para o sucesso das finalizações, atacando espaços correctos para finalizar quando em inferioridade relativa e tentando sempre que possível situações sem pressão no centro do jogo, como a superioridade numérica e a igualdade numérica.

5.4. Características de outras variáveis do processo ofensivo nas AOCF

Os *métodos de jogo ofensivo* é uma variável que considerámos neste estudo, que não pertence a nenhuma das fases analisadas anteriormente, sendo sim uma variável mais global do processo ofensivo que também nos deu informações relevantes.

Analisando esta variável, constatámos uma predominância de acções ofensivas com finalização por *ataque rápido* (59,3%) sustentando assim a ideia de Castelo (2004) afirmando que o ataque rápido é o método de jogo mais utilizado. O *ataque posicional* (30,3%) foi um método que apresentou percentagens bastante importantes na realização de acções com finalização, ao contrário do *contra-ataque* que apresentou uma percentagem reduzida (10,4%). Estes dados parecem significar que as acções ofensivas com finalização optam por métodos mais indirectos como o ataque rápido e o ataque posicional, visto que as equipas cada vez mais, quando atacam já preparam o processo defensivo de forma a não serem surpreendidas pelas equipas adversárias, dificultando assim as acções ofensivas através de contra-ataque. Por isso, pensamos ser fundamental realizar uma transição com um risco considerável, chegando a zonas avançadas rapidamente, e depois, optar por um ataque mais planeado (ataque posicional) ou por um ataque rápido mas ao mesmo tempo consciente do posicionamento do adversário (ataque rápido).

5.5. Caracterização dos perfis das equipas de sucesso e insucesso e suas principais diferenças

Com este estudo procurámos conhecer que perfis assumem as equipas de sucesso (ES) e insucesso (EI) e quais as principais diferenças entre estas equipas, no momento de transição defesa – ataque, fase de construção e fase de finalização bem como no método de jogo ofensivo.

Desde logo constatámos pelos resultados obtidos que os perfis de ES e EI revelaram-se muitos idênticos nas diferentes fases do processo ofensivo, indo ao encontro da análise feita nos pontos anteriores. Esta afirmação faz-nos acreditar que o futebol tende para uma homogeneização de ideias e conceitos de jogo e treino tornando assim estas competições mundiais mais competitivas. No entanto, este estudo permitiu-nos verificar algumas pequenas diferenças entre estes tipos de equipas.

Analisando o momento de transição defesa – ataque das ES e EI foi possível retirar algumas considerações interessantes:

- Os dados demonstram maior capacidade de recuperação da posse de bola por parte das ES (24,1%) no sector defensivo comparativamente com as EI

(17,8%). O sentido desta afirmação torna-se contrário quando a recuperação é realizada no sector médio ofensivo (ES – 33,9%, EI – 40,1%). Com estes dados parece constatar-se uma maior capacidade das ES em construir com eficácia o seu processo ofensivo a partir das zonas mais recuadas do espaço de jogo.

- As diferenças de percentagem no tipo de recuperação por *intercepção* (ES – 45,1%, EI – 39,3%) e por *interrupção regulamentar a favor* (ES – 21,6%, EI – 25,9%) parecem indicar uma atitude mais activa na procura da recuperação da posse de bola das ES em comparação com as EI.
- Parece perceber-se um ligeiro aumento do risco por parte das ES na primeira acção após a recuperação comparativamente com as EI, já que as ES procuram mais acções verticais (para a frente) do que as EI (ES – 44,4%, EI – 39,2%)
- No último contacto do adversário, as ES (27,2%) revelaram maior frequência de situações *inferioridade relativa* para o portador da bola (adversário) comparativamente com as EI (21,5%), demonstrando assim uma maior preocupação em garantir a superioridade numérica na zona de último contacto do adversário de forma a aumentar o constrangimento espacial e assim limitar a tomada de decisão do adversário.
- Na zona de recuperação da posse de bola, as ES apresentam maior frequência de acções ofensivas com finalização em *superioridade relativa* comparativamente com as EI. Este dado parece revelar a maior ênfase dada à superioridade numérica na zona de recuperação pelas ES, de forma a garantir a continuidade do processo ofensivo.
- A categoria *sem centro de jogo* nas variáveis *centro de jogo no último contacto do adversário* e *centro de jogo na zona de recuperação* é mais preponderante nas EI do que nas ES, fazendo-nos crer numa menor importância dada às acções na zona da bola pelas EI.

Analisando a fase de construção do processo ofensivo constataram-se também algumas diferenças nas acções ofensivas com finalização das ES e EI, as quais passo a citar:

- As situações de profundidade ofensiva que começam no sector defensivo e terminam no sector ofensivo são mais evidentes nas ES (18,5%) do que nas EI (11,9%), fazendo acreditar numa maior capacidade das ES em desenvolver as suas acções num espaço longitudinal maior, criando acções desde o seu espaço defensivo ao sector mais próximo da baliza adversária.
- De acordo com os resultados, parece-nos haver uma maior preocupação das ES (40,7%) em utilizar os três corredores (amplitude máxima) nas suas acções ofensivas com finalização do que as EI (34,1%), verificando-se o inverso nas acções com finalização por amplitude mínima, sendo mais predominantes nas EI (17%) do que nas ES (12,3%).
- Acções com mais de duas variações de corredor ocorrem em maior número nas ES (38,3%) do que em EI (31,1%), o que parece dever-se a uma maior preocupação de variar com maior frequência o centro de jogo por parte das ES.
- As ES apresentam maior capacidade para realizar acções com finalização do que as EI quando o número de jogadores envolvidos é aumentado com mais de sete jogadores, revelando assim a maior capacidade de envolvência dos seus jogadores na construção do processo ofensivo.
- As ES (17,9%) procuram mais situações de 1x1 do que as EI (8,9%), mostrando maior capacidade de improvisação, risco e domínio técnico das ES. Por outro lado, as acções de condução curta/média são mais frequentes em EI (17,8%) do que em ES (9,9%).

Analisando a fase de finalização do processo ofensivo nas acções ofensivas com finalizações das ES e EI, podemos constatar:

- Maior predominância de acções ofensivas finalizadas *dentro da grande área* por parte das ES (53,1%) comparativamente com as EI (47,4%), verificando-se o contrário nas finalizações *fora da grande área* (ES – 41,4%, EI – 47,4%).

Estes dados parecem demonstrar a maior capacidade das ES para originarem situações de finalização mais próximas da baliza.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES

6.1. Limitações do presente estudo

Antes de proceder às conclusões deste estudo, devemos referir um conjunto de limitações, a saber:

- 1) O facto de este estudo ter utilizado um tipo de observação indirecta apresenta algumas desvantagens como a insuficiente abrangência da imagem captada, o ângulo de filmagem poder não ser o ideal, as repetições de imagens anteriores que podem impossibilitar o visionamento da totalidade da acção e a publicidade.
- 2) Os critérios subjacentes à divisão por equipas de sucesso e equipas de insucesso poderiam ser ainda mais diferenciadores do nível das equipas, visto que todas as equipas presentes na competição ultrapassaram uma fase de qualificação para esta prova, no qual obtiveram as melhores classificações.
- 3) A amostra do estudo efectuado, permite a realização de estatísticas para grandes amostras, embora não seja representativa de todas as acções ofensivas com finalização resultantes de jogo dinâmico, apesar da análise ter sido realizada numa grande competição internacional.

6.2. Conclusões propriamente ditas

A partir da análise descritiva dos resultados obtidos na presente investigação, tornou-se possível aferir as seguintes conclusões:

- 1) Existem características do momento de transição defesa – ataque, da fase de construção e finalização do processo ofensivo que com maior probabilidade conduzem à finalização das acções ofensivas.
- 2) No momento de transição ofensiva, a zona de recuperação não nos parece uma variável que nos dê indicações objectivas das zonas a ocupar no momento de recuperação, já que se verifica uma certa homogeneização. Constata-se no entanto que as AOCF são mais frequentes quando recuperadas

nos sectores intermédios do espaço de jogo (sector médio-defensivo e médio-ofensivo) e no corredor central, embora a frequência de AOCF recuperadas numa perspectiva única de corredor lateral seja também bastante relevante.

- 3) No momento de transição ofensiva, a opção por um tipo de recuperação dinâmica aumenta a probabilidade de realização da AOCF. Destacar ainda, a importância de uma forma de recuperação mais activa e menos na expectativa como a intercepção no momento de transição como forma de originar AOCF.
- 4) No momento de transição ofensiva, aumentar o constrangimento espacial na zona do último contacto do adversário, procurando situações de pressão para equipa adversária (preferencialmente a inferioridade relativa no centro de jogo), aumenta a probabilidade de recuperação da posse de bola e consequentemente aumenta a probabilidade de realização de AOCF.
- 5) A procura de situações de superioridade relativa no momento imediatamente a seguir à recuperação da posse de bola é um indicador muito positivo da continuação do processo ofensivo e consequentemente de aumento da probabilidade de realização de AOCF
- 6) O passe é a acção técnica mais frequente como primeira acção após a recuperação. De destacar ainda que as características principais deste factor técnico que com maior probabilidade aumentam a realização de AOCF são a distância curta/média com direcção para a frente ou para o lado.
- 7) Na fase de construção, a circulação de bola nas AOCF no espaço transversal deve envolver pelo menos dois corredores, já que 85,5% das AOCF foram realizados utilizando amplitude média ou máxima.
- 8) Na fase de construção, a profundidade ofensiva positiva é naturalmente a mais frequente na realização das AOCF. Percebe-se também a necessidade de terminar a AOCF no sector ofensivo independentemente do sector de recuperação, visto que 74,1% das AOCF terminaram no sector ofensivo.
- 9) Na fase de construção, a variação de corredor é uma característica importante para a realização das AOCF. Este estudo revelou ainda um predomínio do número de variações de corredor superior a duas, o que pode indicar uma

necessidade cada vez maior de variações do centro de jogo para desestabilizar a organização defensiva adversária.

- 10) Na fase de construção, o número de intervenientes directos nas AOCF entre 3 e 4 jogadores foi o mais representativo, embora as situações envolvendo 5 e 6 jogadores apresentassem também percentagens relevantes, demonstrando assim alguma variabilidade no envolvimento dos jogadores na acção.
- 11) Na fase de construção, a elaboração ofensiva das AOCF caracteriza-se preferencialmente por um número de passes superior a quatro, embora as AOCF com uma elaboração ofensiva menor ou igual a 2 passes e entre 3-4 passes apresentem também percentagens relevantes, constatando-se alguma variabilidade nesta variável.
- 12) Na fase de construção, a opção por cruzamentos, passe curto/médio para o lado ou para a frente e acções de 1x1 como última acção antes da finalização parecem garantir com maior probabilidade a finalização da acção ofensiva. Constatámos também, que são as acções provenientes de companheiros as mais frequentes como acções que precedem a finalização, com excepção das situações de 1x1.
- 13) Na fase de finalização, as AOCF são finalizadas preferencialmente dentro da grande área e fora da grande área.
- 14) Na fase de finalização, as situações de igualdade não pressionada e de inferioridade relativa são as mais frequentes no centro do jogo, embora a procura de situações de superioridade numérica seja relevante.
- 15) O ataque rápido foi o método de jogo ofensivo mais utilizado nas AOCF. Embora a percentagem de AOCF por ataque posicional tenha sido inferior à de ataque rápido, este apresentou também uma percentagem relevante de AOCF. O contra-ataque foi o método menos utilizado.
- 16) Equipas de sucesso (ES) e equipas de insucesso (EI) apresentam perfis muito idênticos no momento de transição ofensiva, revelando as mesmas conclusões acima descritas relativas a este momento.

- 17) No momento de transição, as ES tendem a realizar mais AOCF recuperando a posse de bola no sector defensivo comparativamente com as EI. De outro modo, as EI tendem a efectuar mais recuperações no sector médio-ofensivo em comparação com as ES.
- 18) No momento de transição, as ES procuram mais frequentemente a recuperação por acções dinâmicas do que as EI, devido essencialmente à maior frequência de recuperação por interceptação das ES e à maior frequência de recuperação por interrupção regulamentar das EI, revelando assim uma atitude mais activa na recuperação por parte das ES.
- 19) No momento de transição, as ES tendem a realizar mais acções verticais (para a frente) do que as EI como a primeira acção imediatamente após a recuperação da posse de bola.
- 20) No momento de transição, as ES apresentam com maior frequência situações de inferioridade numérica relativa para o adversário na zona do último contacto do adversário e maior frequência de situações de superioridade relativa na zona de recuperação da posse de bola do que as EI.
- 21) A categoria sem centro do jogo é mais predominante em EI do que em ES.
- 22) Equipas de sucesso (ES) e equipas de insucesso (EI) apresentam perfis muito idênticos na fase de construção, revelando as mesmas conclusões acima descritas relativas a esta fase.
- 23) Na fase de construção, as ES tendem a realizar mais AOCF com uma profundidade positiva iniciada no sector defensivo e terminada no sector ofensivo, bem como a realizar mais AOCF através de amplitude máxima comparativamente com as EI. As EI parecem apresentar maior frequência de AOCF quando a amplitude ofensiva é mínima do que as ES.
- 24) Na fase de construção, as ES procuram um número superior de variações de corredor comparativamente com as EI. Este facto é comprovado pela maior frequência de AOCF com número de variações superior a duas.

- 25) Na fase de construção, as ES parecem ter maior capacidade de realizar AOCF com maior envolvimento de jogadores do que as EI. Esta conclusão é demonstrada pela diferença de percentagens nas AOCF que envolvem 7,8,9 e 10 jogadores.
- 26) Na fase de construção, as ES optam com maior frequência por acções de 1x1 comparativamente com as EI, como acção precedente à finalização, demonstrando assim maior capacidade para realizar AOCF a partir de acções individuais. Já as EI optam com maior frequência por acções de cruzamento, no entanto as principais diferenças estão na maior frequência de AOCF por acções de condução curta/média comparativamente com as ES.
- 27) Equipas de sucesso (ES) e equipas de insucesso (EI) apresentam perfis muito idênticos na fase de finalização, revelando as mesmas conclusões acima descritas relativas a esta fase.
- 28) Na fase de finalização, as ES tendem a realizar mais AOCF finalizadas dentro da grande área do que as EI, verificando-se o contrário quando as AOCF são finalizadas fora da grande área.

6.3. Sugestões para futuras pesquisas

Atendendo à abrangência do objecto de estudo, as acções ofensivas com finalização resultantes de jogo dinâmico, sugerimos um conjunto de futuras pesquisas, que passo a enumerar:

- 1) Estabelecer uma divisão mais marcada do nível competitivo das equipas na análise das acções ofensivas com finalização.
- 2) Para assegurar que a acção ofensiva com finalização é declaradamente uma oportunidade de golo, optar apenas por uma análise das acções com finalização dentro da área, excluindo as acções com finalização fora da área.
- 3) Procurar identificar diferenças no momento de transição e na fase de construção do processo ofensivo, entre as acções que originam finalização e as que não originam finalização.

- 4) Para além da análise descritiva com recurso às percentagens deste tipo de acções, a análise sequencial deste tipo de acções nos diversos momentos e fases (momento transição, fase de construção e de finalização) ajudariam à possível identificação de padrões comuns para este tipo de acções com finalização.
- 5) Identificar diferenças nas acções ofensivas com finalização tendo em conta o resultado momentâneo do jogo.
- 6) Intensificar a análise da variável centro do jogo, não restringindo apenas ao momento de transição e à fase de finalização, mas também na fase de construção do processo ofensivo.

CAPITULO VII

BIBLIOGRAFIA

- Amieiro N (2005). *Defesa à zona no futebol. Um pretexto para reflectir sobre o «jogar» ... bem ganhando!* Edição do autor.
- Anguera T (1992). *Metodología de la observación en las ciencias humanas*. Madrid: Ediciones Cátedra Teorema.
- Arda A (1998). *Análises de los Patrones de juego en Fútbol a 7. Estudio de las Acciones Ofensivas*. Tese de Doutoramento não publicada, Coruña: Universidade da Coruña.
- Bacconi A & Marella M (1995): Nuovo sistema di analisi della partita in tempo reale. In Preparazione atletica, analisi e riabilitazione nel calcio: 17-28. 1º Convegno Nazionale A.I.P.A.C. Ediz. Nuova Prhomos. Città di Castelo.
- Barreira D (2006). Transição defesa – ataque em futebol: análise sequencial de padrões de jogo relativos ao campeonato português 2004/05. *Dissertação de Mestrado* (não publicada). Porto: FCDEF – UP.
- Bate R (1988). Football chance: tactics and strategy. In T. Reilly, A. Lees, K. Davids & W.J. Murphy (Eds.), *Science and Football* (pp. 293 - 301). London: E. & FN Spon.
- Bayer C (1994). *O ensino dos desportos colectivos*. Lisboa: Dinalivro.
- Bezerra P (1995). Análise do comportamento motor do jogador com bola no futebol. Estudo de uma equipa de alto rendimento no mundial de sub-20. *Dissertação de Mestrado* (não publicada). Porto: FCDEF-UP.
- Borrie A, Jonsson G & Magnusson M (2002). Temporal pattern analysis and its applicability in sport: an explanation and exemplar data. *Journal of Sports Sciences*, 20, 845 – 852.
- Caixinha P (2004). A análise dos adversários: da caracterização colectiva à individual. In III Jornadas Técnicas de Futebol + Futsal. Vila Real: UTAD.
- Calligaris A, Marella M & Innocenti A (1990). *Il calcio al computer. Da Mexico '86 verso Italia '90*. Roma: Società Stampa Sportiva.
- Cantón A, Ortega J & Contreras, I. (2000). Propuesta de un método de entrenamiento universal para deportes de equipo basándose en el análisis observacional de la competición. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 5 (27). <http://www.efdeportes.com/efd27a/de.htm>. [Pesquisa efectuada em 10/11/2009]

- Carosio M (2001). La observación de las clases de educación física como instrumento de ayuda profesional. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 41. <http://www.efdeportes.com/efd41/obs.htm>. [Pesquisa efectuada em 30/10/2009].
- Carling C, Williams M & Reilly T (2005). *Handbook of Soccer Match Analysis – A systematic approach to improving performance*. Routledge.
- Castelo J (1994). *Futebol – modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: FMH-UTL.
- Castelo J (1996). *Futebol – a organização do jogo*. Lisboa: Edição do autor.
- Castelo J (2003). *Futebol - Guia prático de exercícios de treino*. Lisboa: Edição Visão e contextos.
- Castelo J (2004). *Futebol – Organização dinâmica do jogo*. Lisboa: FMH Edições.
- Cervera J & Malavés R (2001). *Hacia una concepción unitaria del proceso estratégico en fútbol. Fútbol – cuadernos técnicos*, 19, 64-70.
- Claudino R (1993). Observação em pedagogia do desporto – elaboração de um sistema de observação e sua aplicação pedagógica a jogos desportivos colectivos. UTL – FMH.
- Conde M (2009). *Fútbol. Camino al éxito (I)*, 1ª edición, Pontevedra: Editorial Supérate.
- Contreras, M., & Ortega, J. (2000). La observación en los deportes de equipo. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 18. <http://www.efdeportes.com/efd18a/dequipo.htm>. [Pesquisa efectuada em 10/11/2009]
- Costa H (2005). Análise do Jogo em Futebol – Caracterização do Processo Ofensivo da Selecção Alemã Sénior de Futebol Feminino – Estudo de Caso. *Dissertação de Mestrado* (não publicada). Lisboa: UTL - FMH.
- Crespo J (1981). Uma teoria de desenvolvimento desportivo. *Futebol en Revista*, 3ª serie, 3, 5-10.
- Cunha S, Binotto M & Barros R (2001). Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol. *Revista Paulista de Educação Física*, 15 (2), 111 – 116.
- Damas M & Ketele J (1985). *Observer para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Dufour W (1989). *Les techniques d'observation du comportement moteur. Education Physique et Sport*, 217, 69 - 73.
- Dufour W (1993). Computer-Assisted Scouting in Soccer. In *Science and Football II*: 160-166. Proceedings of the Second World Congress of Science and Football. Eindhoven. Netherlands, 1991. T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds.). E & F.N. Spon. London.

- Faria F (1998). Defender para atacar: um compromisso para a eficácia em futebol de rendimento superior. *Monografia de Licenciatura* (não publicada). Porto: FCDEF – UP.
- Franks I, Goodman D & Miller G (1983). Analyse de la performance. Qualitative ou quantitative? *Science du Sport, GY - 1, 1 - 7*.
- Franks I & McGarry T (1996). The science of match analysis. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 363 - 375). London: E & FN Spon.
- García J (2000). *Balonmano. Perfeccionamiento e investigación*. Barcelona: INDE.
- Garganta J (1997). Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. *Dissertação de Doutoramento* (não publicada). Porto: FCDEF-UP.
- Garganta J (1998). Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos. Uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. *Horizonte, vol. XIV (83), 7 – 14*.
- Garganta J (2000). O treino da táctica e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (51-61). CEJD, FCDEF-UP.
- Garganta J (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 1 (1), 57 – 64*.
- Garganta J (2003) Fútbol: del juego al entrenamiento, del entrenamiento al juego. *Training Fútbol, 85, 14 – 17*.
- Gerish G & Reichelt M (1993). Computer-and video-aided analysis of football games. In *Science and Football II* : 167-173. Proceedings of the Second World Congress of Science and Football. Eindhoven. Netherlands, 1991.T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds.). E & F.N. Spon. London.
- Godinho M (2002). *Controlo motor e aprendizagem. Fundamentos e aplicações, 2ª Edição*. Lisboa: FMH Edições.
- Gréhaigne J (2001). *La organización del juego en el fútbol*. Barcelona: INDE Publicaciones.
- Grinvald R (1999). Fútbol: Analisis funcional para la deteccion y formacion de talentos. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital, 14*. <http://www.efdeportes.com/efd14/talent.htm>. [Pesquisa efectuada em 30/10/2009].
- Harris S & Reilly T (1988). Space, teamwork and attacking success in soccer. In T. Reilly, A. Lees, K. Davids & W.J. Murphy (Eds.), *Science and Football* (pp. 322 - 328). London: E. & FN Spon.

- Hughes C (1990). *The Winning Formula*. London: William Collins Sons & Co Ltd.
- Hughes M (1996). Notational analysis. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 343 - 361). London: E & FN Spon.
- Hughes M (2005). So, what is performance analysis? <http://sukan.upm.edu.my/Buletin>. [Pesquisa efectuada em 30/10/2009].
- Hughes M & Bartlett R (2002). The use of performance indicators in performance analysis. *Journal of Sports Sciences*, 20, 739 - 754.
- Hughes M & Churchill S (2005). Attacking profiles of successful and unsuccessful teams in Copa America 2001. In T. Reilly, J. Cabri & D. Araújo (Eds.), *Science and Football V* (pp. 219 – 224). London and New York: Routledge.
- Hughes M & Franks I (2005). Analysis of passing sequences, shots and goals in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 23 (5), 509 – 514.
- Jonsson G, Bjarkadottir S, Gislason B, Borrie A & Magnusson M (s/d). Detection of real-time patterns in sports interactions in Football. <http://www.hi.is/~msm/PDF/Football.pdf>. [Pesquisa efectuada em 10/11/2009].
- Joyce J (2002). News from the professional footballers association. Match analysis – a simple exercise? *Insight*, 5 (3), 52 – 54.
- Júlio L & Araújo D (2005). Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de Futebol. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – a acção táctica no desporto* (159-178). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.
- Kormelink H & Seeverens T (1997). *The Coaching Philosophies of Louis van Gaal and the Ajax Coaches*. De Voetbal Trainer. Pennsylvania.
- Lopes A (2007). *Se não fosse para ganhar...A importância da dimensão táctica no ensino dos jogos desportivos colectivos*, 1ª edição, Porto: Campo das Letras, Editores, S.A.
- Low D, Taylor S & Williams M. (2002). A quantitative analysis of successful and unsuccessful teams. *The FA Coaches Association Journal*, 4, 32-34.
- McGarry T & Franks I (1994). A stochastic approach to predicting competition squash match-play. *Journal of Sports Sciences*, 12, 573 - 584.
- Maçãs V (1997). Análise do jogo em futebol: identificação e caracterização do processo ofensivo em Secções Nacionais de Futebol Júnior. *Dissertação de Mestrado* (não publicada). Lisboa: UTL - FMH.

- Mendes A (2002). Transição defesa-ataque no futebol – estudo comparativo das características do modelo adoptado por uma equipa da I Liga e correspondente equipa B. *Monografia de Licenciatura* (não publicada). Porto: FCDEF – UP.
- Mendo A, Villena S, García M, Orozco J & Roldán R (2000). Aportaciones del análisis secuencial al baloncesto: una aproximación. *EFDeportes.com Revista Digital*, Año 5, N.º 18. <http://www.efdeportes.com/efd18/analisis.htm>. [Pesquisa efectuada em 10/11/2009]
- Mombaerts É (2000). *Fútbol: del análisis del juego a la formación del jugador*. Barcelona: INDE Publicaciones.
- Morgado D (1999). Análise dos Métodos de Jogo Ofensivo no Futebol e contributo para a sua reclassificação. *Dissertação de Licenciatura* (não publicada). Porto: FCDEF-UP.
- Moutinho C (1991). A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos colectivos: o exemplo do voleibol. In, J. Bento & A. Marques (Eds.), *As ciências do desporto e a prática desportiva* (pp. 265 - 275). Porto: FCDEFUP.
- Murtough J & Williams M (1999). Using video in coaching. *Insight*, 4 (2), 38 – 39.
- O'Donoghue P & Ingram B (1998). Notational analysis of the cause of elite tennis players approaching the net in men's and ladies' singles at grand slam tournaments. In M. Hughes & F. Tavares (Eds.), *IV World Congress of Notational Analysis of Sport* (pp. 249 - 255). Porto: FCDEF-UP.
- Oliveira B, Amieiro N, Resende N & Barreto R (2006). Mourinho: Porquê tantas vitórias? 1ª edição. Lisboa: Gradiva.
- Oliveira J (2001). Entre o sonho e a realidade, um mundo de expectativas e compromissos. In J. Garganta; J. Oliveira; M. Murad (Eds.), *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do Mundo* (235-238). FCDEF-UP: Campo das Letras.
- Oliveira J (1993). A análise do jogo em basquetebol. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *A ciência do desporto, a cultura e o Homem* (pp. 297 - 306). Porto: FCDEF-UP.
- Ortega J (1999). Evolución de los instrumentos y métodos de observación en fútbol. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 17. <http://www.efdeportes.com/efd17a/evalfut.htm>. [Pesquisa efectuada em 30/10/2009].
- Pacheco R (2005). *Segredos de balneário. A palestra dos treinadores de Futebol antes do jogo*. Camarate: Prime Books.

- Paulis J (2000). Observación y análisis de la acción de juego en fútbol. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 22. <http://www.efdeportes.com/efd22b/julentd.htm>. [Pesquisa efectuada em 30/10/2009].
- Pinheiro F (2001). Caracterização do processo ofensivo em equipas de Futebol de alto rendimento. *Dissertação de Monografia* (não publicada). Porto: FCDEF-UP.
- Pollard P, Reep C & Hartley, S. (1988). The quantitative comparison of playing styles in soccer. In T. Reilly, A. Lees, K. Davids & W.J. Murphy (Eds.), *Science and Football* (pp. 309 - 315). London: E. & FN Spon.
- Queiroz C (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol*. Lisboa: Edição de Federação Portuguesa de Futebol.
- Reep C & Benjamin B (1968). Skill and chance in Association Football. *Journal Royal Soc. Statistic* 1(131):581 - 585.
- Reis J (2004). Transição defesa-ataque e método de jogo ofensivo: que relação? *Monografia de Licenciatura* (não publicada). Porto: FCDEF – UP.
- Ribeiro S (2003). Transição defesa-ataque no futebol – modelo de jogo adoptado pelo treinador versus *performance* táctico-técnica da respectiva equipa – Estudo de caso realizado na 2ª Liga Portuguesa. *Monografia de Licenciatura* (não publicada). Porto: FCDEF – UP.
- Riera J (1995). Análisis de la táctica deportiva. *Apuntes: Educación Física y Deportes*, 40, 47 - 60.
- Rodrigues L (2004). A informática na observação dos jogos desportivos colectivos. Um exemplo do voleibol. *Treino Desportivo*, 26, 59 – 61.
- Rodrigues N (2000). Caracterização do processo ofensivo numa equipa de futebol de elevado rendimento. *Monografia de Licenciatura* (não publicada). Porto: FCDEF – UP.
- Rosnay J (1977). *O Macroscópio – Para uma visão global*. Lisboa: Editora Arcádia.
- Sampaio J (1999). Análise do Jogo em Basquetebol: da pré-história ao *Data Mining*. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 15. <http://www.efdeportes.com/efd15/datam.htm>. [Pesquisa efectuada em 30/10/09].
- Silva E (2007). Análise do jogo de futebol: características do processo de transição defesa-ataque das sequências ofensivas com finalização. *Dissertação de Mestrado* (não publicada). Vila Real: UTAD.

- Silva J (1998). Os processos ofensivos no futebol – Estudo comparativo entre equipas masculinas de diferentes níveis competitivos. *Dissertação de Mestrado* (não publicada). Porto: FCDEF – UP.
- Silva P (2006). A análise de jogo em futebol: Um estudo realizado em clubes da Liga Betandwin.com. *Dissertação de Mestrado* (não publicada). Lisboa: UTL – FMH.
- Sousa P (2005). Organização do jogo de Futebol. Proposta de Mapeamento de situações táticas a partir da revisão da literatura e do entendimento de peritos. *Tese de Mestrado* (não publicada). Porto: FCDEF-UP.
- Tenga A & Larsen O (1998). A new method for a comprehensive analysis of a soccer match-play. In M. Hughes & F. Tavares (Eds.), *IV World Congress of Notational Analysis of Sport* (pp. 71 - 77). Porto: FCDEF-UP.
- Teodorescu L (1984). *Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Valdano J (2001). *Apuntes del balón*. Madrid: La Esfera de los Libros, S.L.
- Vales A (1998). Optimización de los sistemas de juego en el fútbol. El balongrama como sistema de observación para el análisis de los sistemas de juego en fútbol. *Tesis Doctoral* (no publicada). A Coruña: Universidade da Coruña.
- Winkler W (1988). A new approach to the video analysis of tactical aspects of soccer. In T. Reilly, A. Lees, K. Davids & W.J. Murphy (Eds.), *Science and Football* (pp. 368 - 372). London: E. & FN Spon.
- Yiannakos A & Armatas V (2006). Evaluation of the goal scoring patterns in European Championship in Portugal 2004. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. 11, 178-188, University of Wales Institute, Cardiff.

ANEXO A

Amostra dos jogos observados e discriminação dos mesmos por Nível Competitivo das Equipas

Obs	Equipa Observada	Adversário	Resultado	Nº Acções Ofensivas com Finalização	Nível Competitivo	Fase
1	Espanha	Rússia	4-1 V		Superior	Grupos
2		Suécia	2-1 V			Grupos
3		Grécia	2-1 V			Grupos
4		Itália	0-0 (Vgp 4-2)			¼ Final
5		Rússia	3-0 V			½ Final
6		Alemanha	1-0 V			Final
7	Alemanha	Polónia	2-0 V		Superior	Grupos
8		Croácia	1-2 D			Grupos
9		Áustria	1-0 V			Grupos
10		Portugal	3-2 V			¼ Final
11		Turquia	3-2 V			½ Final
12		Espanha	0-1 V			Final
13	Rússia	Espanha	1-4 D		Superior	Grupos
14		Grécia	1-0 V			Grupos
15		Suécia	2-0 V			Grupos
16		Holanda	1-1 (Vap 3-1)			¼ Final
17		Espanha	0-3 D			½ Final
18		Turquia	Portugal	0-2 D		
19	Suíça		2-1 V		Grupos	
20	Rép. Checa		3-2 V		Grupos	
21	Croácia		0-0 (Vgp 3-1)		¼ Final	
22	Alemanha		2-3 D		½ Final	
-	Portugal		Turquia	2-0 V		Excluída
-		Rép. Checa	3-1 V		Grupos	
-		Suíça	0-2 V		Grupos	
-		Alemanha	2-3 D		¼ Final	
-	Holanda	Itália	3-0 V		Excluída	Grupos
-		França	4-1 V			Grupos
-		Roménia	2-0 V			Grupos
-		Rússia	1-3 D			¼ Final
-	Itália	Holanda	0-3 D		Excluída	Grupos
-		Roménia	1-1 E			Grupos
-		França	2-0 V			Grupos
-		Espanha	0-0 (Dgp 4-2)			¼ Final
-	Croácia	Áustria	1-0 V		Excluída	Grupos
-		Alemanha	2-1 V			Grupos
-		Polónia	1-0 V			Grupos
-		Turquia	0-0 (Dgp 3-1)			¼ Final

23		Suíça	1-0 V		Grupos
24	Rép. Checa	Portugal	1-3 D	Inferior	Grupos
25		Turquia	2-3 D		Grupos
26		Rép. Checa	0-1 D		Grupos
27	Suíça	Turquia	1-2 D	Inferior	Grupos
28		Portugal	2-0 V		Grupos
29		Croácia	0-1 D		Grupos
30	Áustria	Polónia	1-1 E	Inferior	Grupos
31		Alemanha	0-1 D		Grupos
32		Alemanha	0-2 D		Grupos
33	Polónia	Áustria	1-1 E	Inferior	Grupos
34		Croácia	0-1 D		Grupos
35		França	0-0 E		Grupos
36	Roménia	Itália	1-1 E	Inferior	Grupos
37		Roménia	0-0 E		Grupos
38	França	Holanda	1-4 D	Inferior	Grupos
39		Itália	0-2 D		Grupos
40		Grécia	2-0 V		Grupos
41	Suécia	Espanha	1-2 D	Inferior	Grupos
42		Rússia	0-2 D		Grupos
43		Suécia	0-2 D		Grupos
44	Grécia	Rússia	0-1 D	Inferior	Grupos
45		Espanha	1-2 D		Grupos

V – Vitória

E – Empate

D – Derrota

Vgp – Vitória nas grandes penalidades

Dgp – Derrota nas grandes penalidades

Vap – Vitória após prolongamento

Dap – Derrota após prolongamento

ANEXO B

(Folha de Recolha de Dados)

NOME DA SELEÇÃO: _____ . NÍVEL COMPETITIVO: _____ . OBSERVAÇÃO Nº: ____ . RESULTADO FINAL: _____ .

AOCF	ZREC	TREC	PA	PrO	PrO+	AO	NVC	PO	EO	UA	CJ UCadv	CJ ZREC	CJ ZFIN	ZFIN	MJO
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															
14															
15															
16															

